



BIBLIOTHECA

N.º 61

JOAQUIM NUNES

Os Filhos da Canalha

DRAMA EM 3 ATOS

(Representado com extraordinario agrado
em todos os teatros do Brasil)

NOVA EDIÇÃO

PREÇO Cr. \$ 4,00

1943

LIVRARIA TEIXEIRA
VIEIRA PONTES & CIA.

Rua Libero Badaró N.º 491

S. PAULO

Livraria Teixeira

VIEIRA PONTES & CIA. — Rua Libero Badaró N.º 401 — São Paulo

PRIMEIRA CASA DO PAIZ NO GENERO THEATRAL E FORNECEDORA
DAS PRIMEIRAS SOCIEDADES, GRUPOS DRAMATICOS E CIRCOIS DO BRASIL
Não se enviam peças á AMOSTRA, não se TROCAM, nem se aceitam DEVOLVIDAS

COMEDIAS EM 1 ACTO		3 homens e 3 senhoras	
Almoço aos pontapés 2 homens	2\$000	Na cidade (o sete-nomes)	2\$000
Casamento por telephone	2\$000	3 homens e 6 senhoras	
3 homens		Simplicidade	2\$000
Atribuções dum estudante	2\$000	4 homens e 1 senhora	
Por um triz!	2\$000	Casa de doidos!	2\$000
Um filho para tres paes	2\$000	Comi o meu amigo	2\$000
4 homens		Coração e estomago	2\$000
Como se arranja um marido	2\$000	Dois mineiros na Côte	2\$000
Um disparate comico	2\$000	Morte (A) do Gallo	2\$000
Velentes e medrosos	2\$000	Pinto, Leitão & Cia.	2\$000
6 homens		Quincas Teixeira	2\$000
Simplio Castanha & Cia.	2\$000	Seu Juca Pindoba	2\$000
Uma casa de estroinas	2\$000	Uma criada impagavel	2\$000
Um noivo de Alcanhões	2\$000	4 homens e 2 senhoras	
7 homens		Diabo (O) atraz da porta	2\$000
Dois estudantes no prego	2\$000	Hospedarla (A) Senceról	2\$000
Mêa hora de cynismo	2\$000	Má peça!	2\$000
1 homem e 1 senhora		Milagres de Santo Antonio	2\$000
Almoço (O) do homem sandwich	2\$000	Não tem titulo	2\$000
Amor por annexins	2\$000	5 homens e 1 senhora	
Amor trombolho	2\$000	Casar sem saber com quem	2\$000
Ao encajar das luyas	2\$000	Cautella com as mulheres	2\$000
Carnet (O)	2\$000	Dois (Os) Juucas	2\$000
Procuração (a)	2\$000	Dois (Os) surdos	2\$000
Rais maravilhosa	2\$000	Espada (A) do general	2\$000
Sinos de Corneville	2\$000	Medico-mania	2\$000
Uma prova de consideração	2\$000	Morrer para ter dinheiro	2\$000
Um truce admiravel	2\$000	5 homens e 2 senhoras	
1 homem e 2 senhoras		Doido por conventencia	2\$000
Carta a Santo Antonio	2\$000	5 homens e 4 senhoras	
2 homens e 1 senhora		Casamento (O) do Pindoba	2\$000
Bonde errado!	2\$000	7 homens e 2 senhoras	
Choro ou rio?	2\$000	Porto, Madelra & Collares	2\$000
Conteranea (A)	2\$000	8 homens e 1 senhora	
Deu o pavão!	2\$000	Maneco Pingurra	2\$000
Eu não sou eu!	2\$000	COMEDIAS EM 2 ACTOS	
Já cuvl espirrar este nariz!	2\$000	Almas do outro mundo, 4 h. 2 s.	3\$000
Trinta botões	2\$000	Casar para morrer! 2 h. e 2 s.	3\$000
Uma experientia!	2\$000	Chefe (O) Politico, 6 h. e 1 s.	3\$000
Um plano infailvel	2\$000	Divorcio (O), 5 h. e s.	3\$000
Um prego na fechadura	2\$000	Lelê, 4 h. e 2 s.	3\$000
2 homiens e 2 senhoras		Perdi minha mulher! (Um servo peri- goso), 3 h. e 1 s.	3\$000
Esposa de S. Excia.	2\$000	COMEDIAS EM 3 ACTOS	
Visconde da Rosa Branca	2\$000	Abençoados pontapés! 7 h. e 1 s.	4\$000
3 homens e 1 senhora		Alegrias (As) do lar, 5 h. e 3 s.	6\$000
Apuros (Os) de Lulu	2\$000	Agua molle em pedra dura... 3 h. 1 s.	4\$000
Nhò Manduca	2\$000	Aventuras dum rapaz feio, 4 h. e 3 s.	4\$000
Nolva (A) e a agua	2\$000	Bandefrante" (O), 6 h. e 3 s.	4\$000
Que Trindade!	2\$000	Consequencias... de Inconsequencias, 5 h. e 2 s.	4\$000
Ramo (O) de Illazes	2\$000	Coração (O) não envelhece, h. e 3 s.	4\$000
Resonar sem dormir	2\$000	Dar corda para se enforcar, 4 h. e 2 s.	4\$000
Um marido que é victima das modas	2\$000	D. Juan da Pampilhosa, h. e 2 s.	4\$000
3 homens e 2 senhoras		Os Dominós, 5 h. e 2 s.	4\$000
Duas (As) bengalas	2\$000	Gaspar Cacete, 4 h. e 3 s.	4\$000
Na Roça	2\$000	Grande (O) Hotel de Sarlhos, 8 h. e s.	4\$000
Primeiro (O) cliente	2\$000	Interventor (O), 7 h. e 4 s.	4\$000

126

BIBLIOTECA DRAMÁTICA POPULAR

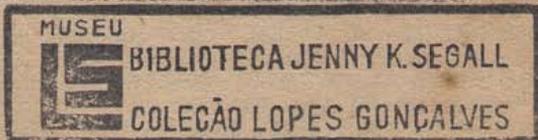
N.º 61

JOAQUIM NUNES

Os Filhos da Canalha.

DRAMA EM 3 ATOS

(Representado com extraordinário agrado em todos os teatros
do Brasil)



1943

LIVRARIA TEIXEIRA
VIEIRA PONTES & CIA. — Editores
Rua Líbero Badaró, 491

PERSONAGENS

ALVARO — Pintor

HENRIQUE DA ROCHA FREIRE — Fazendeiro

PADRE JOSE'

ANASTACIO — Preto, escravo de Henrique

ANGELINA — Filha de Henrique

CATARINA — Criada de Henrique.

A ação passa-se em uma fazenda da Província do Rio de Janeiro.

Epoca — ATUALIDADE

ATO I

O teatro representa uma sala bem mobiliada. Portas laterais e ao fundo. E' dia.

CENA I

CATARINA, e Depois PADRE JOSE'

CATARINA (entrando ligeiramente pela esquerda alta) — Oh! Sr.! que massada; depois que este homem acaba de jantar, torna-se insuportavel! Não me deixa só em parte alguma! Isto é de mais! Se continuar desta maneira, não estou pelos autos, e queixo-me ao sr. Henrique que o expulsará de sua casa como infame!

PADRE JOSE' (entrando pela esquerda alta. Anda sempre apoiado a um forte bengalão, como sofrendo do reumatismo. À parte, rindo-se) Eh! Eh! Até que finalmente encontrei-a! (alto) Catarina! oh! Catarina!...

CATARINA (aparte) — Ele! Oh! que aborrecimento!... (alto) O que deseja sr. Reverendo?

PADRE JOSE' — Tu já o sabes, feiticeirazinha; quero ver-te e falar-te (rindo) Eh! eh! eh!...

CATARINA — Sim? Então aqui me tem, toda inteirinha.

PADRE JOSE' — Hein?

CATARINA — Está surdo?...

PADRE JOSE' — O que dizes?

CATARINA (aparte) — Que amolador! (alto) Está surdo, repito!...

PADRE JOSE (que se tem aproximado de Catarina) —

Ah! agora ouvi distintamente! Nesta idade, minha filha, todos os defeitos são naturais.

CATARINA — E', é exato. O que, porém, não acho natural é o sr. padre não deixar de me amolar!

PADRE JOSE' — Hein?...

CATARINA — Quer que lhe diga uma cousa?

PADRE JOSE' — Diz sim, minha cabecinha de vento; diz quantas brejeirices quizeres, que o infeliz Padre José não saberá reagir contra as insolencias proferidas por esses labios... (suspirando) Ai! ai! que tanto me fascinam...

CATARINA — E' que não gosto nada, mesmo nada do espirito dum mascarado!

PADRE JOSE' — Hein?... Hein?... como é lá isso? Pois eu pareço-me com um mascarado?!...

CATARINA — E muito perfeitoinho.

PADRE JOSE' (aparte) — Oh! com mil bombas; eu mascarado! (alto) Mas, porque?... explica-te!...

CATARINA — Ora, porque?... Porque essa carantonha muito vermelha, esse nariz verrugento e afilado, e esse todo de aleijado, metido nesse dominó preto, mais me parece um velhusco do carnaval, do que um sacerdote grave e sisudo! Ora aí está!

PADRE JOSE' (aparte) — Com um milhão de diabos!... Como está a educação moderna!... (alto voltando-se) Com que então, Catarina, achas que me pareço com um mascarado hein?... Já sei, já sei, o que tu queres é ver se eu me ofendo e me ponho ao fresco; pois olha, estás redondamente enganada. De hoje para o futuro, podes dizer-me o que quizeres, minha negra... porque eu te juro, não me incomodar mais com as tuas palavras.

CATARINA — Sabe que mais? vá para o diabo, não me amole!

PADRE JOSE' — Oh! diabrete duma figa!... Então é desta maneira que se me trata? (rindo, querendo passar-lhe as mãos pelo rosto) Eh! eh! eh!

CATARINA (impelindo-o) — Que é isso, sr. padre; veja que para a sua idade este procedimento é vergonhoso!...

PADRE JOSE' (levando as mãos aos joelhos) — Ai! ai! ai! ai!... esta mulher é os meus pecados!...

CATARINA — Agora, sim sr.!... Nessa atitude e com essa carantonha, é que justamente completa a semelhança que tem com um mascarado. A proposito, ao vê-lo assim todo a gemer: ouvir que os padres não sofrem de reumatismo.

PADRE JOSE' — Oh! travessa de uma figa! Os padres tem reumatismo, porém, não é o reumatismo que muitos julgam, percebes?

CATARINA — Ah! então o reumatismo dos padres é diferente do dos outros homens?

PADRE JOSE' — Certamente. Os outros homens apanham-no por aí... nem sei bem por onde: eu sempre fui cauteloso. Quando era rapaz, como nada tinha que fazer a não ser rezar as missas, passava a minha vida fazendo visitas às minhas comadrinhas

CATARINA — Ah! então o sr. reverendo tinha comadres..

PADRE JOSE' — Naturalmente; eu era padrinho dos filhos delas. Ora, como nas visitas às comadres e aos afilhados, apanhava muitas **molhadelas**, é por isso que vim a sofrer do reumatismo. Percebes minha espertinha?

CATARINA — Decididamente, sr. reverendo, se eu fosse homem, declaro-lhe que me fazia padre.

PADRE JOSE' (rindo) — Eh! eh! eh! devéras?...

CATARINA — Está visto! Haverá por ventura vida melhor?... E' impossível! A prova está no que acaba de dizer. Realmente, só os padres é que podem gozar uma vida semelhante, porque: o padre não pôde trabalhar, nem constituir família. Eis aí explicado claramente, como o viver eclesiastico — é o unico e verdadeiro paraíso.

PADRE JOSE' — Ego négo Porem **distinguo!**... A vida monastica, pelos jejuns e penitencias a que nos obriga a regra, ao contrario do que pensas, seria um verdadeiro inferno, se não fosse alguns anjinhos como tu que nos servem de amparo. Enfim, meu amorzinho, tu precisas tambem ser minha **comadrinha**, hein?...

CATARINA (Dando-lhe uma bofetada com meiguice) — Sim? Tome lá, esse é o pago do seu atrevimento. Isto, é para lhe provar que o mundo não está tão corrompido como julga, ouviu? Aguenta calado. Agora, quando se quizer divertir comigo, já sabe... Adeuzinho... até às uvas... **(rindo)** Ah! ah! ah! Ora o velho sem juizo! **(sae pela esquerda alta dando gargalhadas)**

CENA II

PADRE JOSE' (só)

PADRE JOSE' (apalpando a face) — Safa!... A mão desta mulher é pesada como um cepo!... Triste vida é a do padre! E consideram-nos instrumentos ignominosos, dizendo-nos a todo o momento: o padre não constitue familia, o padre é vadio. Em Portugal toca guitarra e canta o fado; aqui, é capoeira, beberrão e imoral. O padre é tudo enfim. E por cima de tudo isto... **(suspirando)** ai! ai!... ainda apanha taponas. Mas não importa, não devo dar o cavaco. Vou ainda persegui-la. Hei de por força dar-lhe uma beijoca. **(sae pela direita alta)**

CENA III

HENRIQUE, e Depois ANASTACIO

HENRIQUE (entrando pela esquerda alta) — Ora aqui está como um homem perde a cabeça; então porque?... por causa de um pintor!... Ah! maldito sejas tu! maldita seja a hora em que fiz conhecimento com semelhante quidam! O que mais me admira, porém, é aquele miseravel não conhecer a sua condição, a lama donde saiu!... Um homem que não tem posição alguma na sociedade, não deve, nem mesmo tem o direito, de levantar os olhos para a filha de um fazendeiro, cuja fortuna é superior a dois mil contos de réis!...

ANASTACIO (entrando pelo fundo) — Meu senhor. Está aí o senhor Alvaro.

HENRIQUE — Bem! Manda-o entrar para esta sala! Traze-me um chicote e chama cinco dos teus parceiros. Quero castigá-lo, e depois mete-lo no tronco, como costume fazer aos meus escravos rebeldes! Vae, anda ligeiro!

ANASTACIO — No tronco?!... Mas meu senhor...

HENRIQUE — Retira-te! e cumpre fielmente as ordens de teu senhor, sob pena de apanhares trezentos açoites!

ANASTACIO (com bondade) — Sim, meu senhor. (Saindo pelo fundo, e dizendo áparte.) E' muito cruel este meu senhor! Quer castigar de um modo bem atroz um moço tão distinto! Pobre homem! (Sae pelo fundo.)

CENA IV

HENRIQUE, e Depois ANASTACIO

HENRIQUE (só e triste, sentando-se em um canapé) — Ah! Angelina!... não tiveste pejo de ontem me dizeres: Eu amo, meu pai!... mas não é o filho do Visconde do Vale, nem outro de igual categoria; amo Alvaro, o artista... Não tiveste pejo, Angelina... não reparaste que me affligias horrivelmente!... (Levantando-se exasperado.) Pois bem!... será mais facil pôr termo à minha existencia do que consentir no casamento de minha filha com um homem de posição tão mesquinha!... Mas porque será que de dia para dia eu a vejo ficar mais palida e pensativa?... Às vezes parece-me até uma douda?... Quem sabe se tudo isto é devido ao muito amôr que ela lhe consagra?... Pois seria possivel que esse desgraçado seja o causador da molestia de minha filha?!... Sem duvida, patife, pretendes obstar que ela seja algum dia, Viscondessa!?... Mas tranquilisa-te pobre-tão, tranquilisa-te miserrimo pintor: não será a unica herdeira

de Henrique da Rocha Freire, que te leve — dois mil contos de réis!... (Parando depois de passear pensativo pela cena, fazendo gestos de impaciência.) E se ela morrer!... Desconfio que esteja com alguns princípios de tísica... Aquela tosse... Porém... o medico sempre me néga...

ANASTACIO (entrando pelo fundo) — Ah! meu senhor! eu mandei entrar o sr. Alvaro e chamei logo os outros parceiros, mas ele vendo esta minha precaução, disse que voltava à casa porque lhe tinha esquecido uma cousa! Eu então quiz prendê-lo, mas os meus braços não tiveram forças para segurar um homem tão vigoroso: escapou-se das mãos e fugiu!

HENRIQUE (apertando-lhe o braço com força) — Ah! escravo de pau!... pois tu não tens forças nestes braços?

ANASTACIO (com bondade) — Oh! meu senhor!...

HENRIQUE (largando o braço) — Pois bem!... Visto que não o seguraste, serás amanhã posto doze horas no tronco!

ANASTACIO — Sim, meu senhor. (Saindo pelo fundo e dizendo á parte) Socegue, meu senhor, socegue! Enquanto o velho Anastacio viver o sr. Alvaro não será desfeitoado por causa de Sinhazinha! (Sae pelo fundo).

CENA V

HENRIQUE (só) — Ah! o quanto ele é covarde! Bem mostra o que é! Em todo o caso não o castiguei é verdade, mas tambem fico certo que não voltará! Só assim é que minha filha será esposa de um Visconde rico e não de um estúpido pintor... pobre! Agora Angelina, dora-avante não és mais senhora da tua vontade!... (Sae pelo fundo).

CENA VI

ANGELINA, e depois PADRE JOSE'

ANGELINA (Entrando pela esquerda baixa pausadamente, reparando na cena. Tem uns pequenos acesos de fosse.)

Ainda não chegou! Infeliz Alvaro! Diversas cenas irão succeder às que até aqui se tem dado. Meu pai, com o genio que tem, vai de certo maltratá-lo. Ah! eu temo a luta; será renhida. Alvaro sendo como é, um carater altamente nobre, repelirá sem duvida, as suas insolencias!... Oh! realmente tenho muito medo deste encontro. Entretanto não posso evitá-lo!

PADRE JOSE' (na porta da direita alta. Vendo Angelina) — Oh! linda Catari... (A' parte: reconhecendo-a.) Oh! dia-bo! é a pequena!...

ANGELINA (voltando-se) — Bom dia, sr. Padre José.

PADRE JOSE' — Bom dia, Angelinzinha! (**A' parte**) Tomo já uma descompustura; este demonio não gosta de padres. (**Alto.**) Os meus parabens... os meus parabens...

ANGELINA — Porque me felicita sr. Padre?

PADRE JOSE' — Ora porquê?!... pelo seu proximo casamento (**rindo**) Eh! eh! eh! julgava que eu não o sabia, hein?...

ANGELINA — Oh!... foi meu pai quem lho contou?

PADRE JOSE' — Foi sim, não há ainda meia hora. E a escolha que fez? sim senhor, realmente, teve gosto. E' moço bonito, inteligente e cavalheiro distinto (**á parte**) Não há remedio senão lisongear-la a ver se os caso...

ANGELINA — Obrigada, sr. Padre José. Diga-me: sabe se é do gosto de meu pai?...

PADRE JOSE' — Parece-me que... por enquanto não... mas com geito... tudo se arranjará. Não sabe como diz o poeta, relativamente ao geito?

ANGELINA — Já li, mas não me lembro agora, sr. Padre.

PADRE JOSE' — Pois eu lhe recordo. Lá vai!

(**recitando**) "Com geito se leva o mundo.
"De tudo o geito é capaz
"O caso é ageitar-se o geito
"Como muita gente faz".

ANGELINA — Isso é uma verdade, sr. Padre José.

PADRE JOSE' — Bem. Nesse caso, tenha isto na lembrança e será vencedora... Até logo, hein? Vou orar... que ainda hoje não fiz a oração do costume (**Como vendo alguém fóra da cena — suspirando**) Ai! ai!... Oh! Catarina! Catarina! (**Quer andar depressa, mas sentindo dores nos joelhos leva a estes as mãos**) Ai! ai! ai! muito padece quem ama! (**sae pelo fundo**)

CENA VI

ANGELINA e HENRIQUE

ANGELINA (**que tem estado pensativa**) — Quanto eu seria ditosa, realizando este meu sonho! Como eu adoraria meu pai, se ele atendesse aos meus rogos!... Infeliz daquela que tiver um pai como eu!

HENRIQUE (**entrando pelo fundo e á parte, vendo Angelina**) — Parece um cadaver! (**alto**) Então Angelina, andas esparecendo, não é assim?

ANGELINA — Não meu querido pai, vinha aqui... sim... justamente para esporecer um pouco.

HENRIQUE — Tu hesitaste, Angelina.

ANGELINA — Não há tal; isso é o que pareceu a meu pai.

HENRIQUE — Pareceu-me, hein? Talvez... E se eu te disser que não vieste para esse fim?

ANGELINA — Adivinhou meu pai, não vim realmente aqui para esse fim.

HENRIQUE — Já vês, pois, que enganar a um pai e principalmente nas minhas condições, é impossível... Tu vinhas na persuasão...

ANGELINA (interrompendo-o) — De encontrar Alvaro.

HENRIQUE — Oh! mas isto é de mais! Pois tu, Angelina, tu, filha de um dos mais ricos fazendeiros, não terás nojo, não terás mesmo repugnancia de pronunciar esse nome?... E's uma criança desobediente... principio a desgostar-me de ti.

ANGELINA — Não sei o que possa haver de repugnante, em amar um pintor! Acaso essa arte divina não será uma das mais distintas?!... Diga-me: seja franco! Não é ele um moço inteligente, honesto e honrado?...

HENRIQUE — Cala-te, Angelina! Não me exacerbes o espirito! Repara que a tua posição não permite que te cases com um pintor!...

ANGELINA — Que importa?... Não se tem visto senhoras titulares, casarem com homens da mais infima classe?...

HENRIQUE — E tu dás credito a um erro que o mundo aplaude, não é assim?...

ANGELINA — Erro?... Contesto!... Erro não, meu pai!... São tão livres as exigencias do coração, como a meu vêr, são livres as ideias do homem!... Que importa, repito ainda, a posição da criatura para um caso destes?!... Não vacile; responde-me meu pai!...

HENRIQUE (depois de olha-la com atenção) — Pelo que vejo, é inteiramente impossível fazer-te renunciar ao amor que lhe tens?!...

ANGELINA — Impossível! E' um artista e pobre é verdade, mas isso não o desdoura! Tem tudo o que a educação moderna, exige, portanto repetirei sempre: — é muito digno do meu amor!...

HENRIQUE — Angelina!...E' homem honrado, mas não tem riqueza nem titulos que o recomendem!...

ANGELINA — Isso não é proprio dum homem do seculo atual... Essa doutrina é erronea, pessima e desprezível! Meu pai!... Não é a riqueza nem os titulos que fazem a felicidade da criatura! E a prova é que, em geral, o pobre vive mais tranquilo e satisfeito que o proprio rico, apesar de toda sua opu-

lencia! E eu, meu pai, eu só almejo a tranquilidade do meu espirito, para assim atravessar feliz tão curta existencia...

HENRIQUE — Nesse caso Angelina, confesso desde já, que nunca chegarás ao gozo dessa felicidade que ambicionas, porque à força das minhas instancias, serás esposa de Pedro, o filho do Visconde do Vale!...

ANGELINA — Nunca!... Nesse ponto não há quem me possa obrigar!!... E de mais... desculpe a minha franqueza: — meu pai não sabe educar filhos!!...

HENRIQUE — Tu insultas-me, Angelina!...

ANGELINA — Eu?... Eu não posso nunca insultar um pai; apenas sou contra o erro em que a sociedade labora!

HENRIQUE — Mas como?!... explica-te... Como é que não sei educar filhos?!...

ANGELINA — Porque quer forçá-los a trilhar um caminho errado!

HENRIQUE — Um caminho errado!... Prova-mo!...

ANGELINA — Nada mais facil! Meu pai impondo-me que case contra a minha vontade, obriga-me mais tarde a despresar talvez meu marido! E é por causa dessas rudes doutrinas, que muitas infelizes são apontadas por esse mundo, como adúlteras!... Mas nunca o serei eu, porque declaro terminantemente: — não me casarei com outro homem!...

HENRIQUE (ameaçando-a) — Pois bem!... Ou tu, serás esposa de Pedro, ou então morrerás solteira!... Jámais um artista!... Um pintor!... desposará a filha de um homem rico, como eu sou!...

ANGELINA — Muito bem!... Está acabada a discussão!... Não continuo, visto que meu pai não tardará a dizer-me: — Pouco me importa que minha filha aumente o numero das mulheres perdidas, contanto que primeiro se case, com o homem escolhido por mim. Muito bem! Este ato é proprio de meu pai!...

HENRIQUE — Angelina!... Se assim prossegues, acabo por meter-te em um convento!...

ANGELINA — Quando quizer, meu pai!... Estou disposta a tudo! Viver sem ser esposa de Alvaro, só aceito duas cousas: — a morte ou este degredo infame com que acaba de ameaçar-me!... (dirige-se para a esquerda, como para sair).

HENRIQUE (Fazendo-a voltar brutalmente) — Ouve ainda!... Tu irás para o convento, mas aquele desgraçado, não terá oito dias de vida! Hei-de matá-lo!...

ANGELINA — Não póde!... porque os homens sensatos doutras épocas, estabeleceram uma lei, e esta lei chama-se: — Justiça!... (sae pela esquerda baixa)

CENA VIII

HENRIQUE, e depois ANASTACIO

HENRIQUE — Ah! ela ameaça-me com a Justiça?!... Enganas-te! Eu te mostrarei o pouco caso que faço dela!... dessa fazenda que muito barata se vende!... Um punhado de ouro, é bastante para comprá-la!...

ANASTACIO (Entrando pelo fundo com uma carta na mão) Meu senhor. Está aqui esta carta que manda o senhor doutor.

HENRIQUE (Tomando a carta dizendo como para si com admiração) — Do dr. Miguel?... Enfim, seja o que for. Dissimulemos para ver se descubro alguma cousa. (alto) Dize-me: tens sido portador de cartas ou recados do sr. Alvaro para a tua sinhazinha?

ANASTACIO — Não, meu senhor. Eu não tenho trazido nada.

HENRIQUE — Nem nunca os encontrei de noite, a conversar um com o outro?

ANASTACIO — Nunca, meu senhor.

HENRIQUE — Bem; podes retirar-te.

ANASTACIO — Sim, meu senhor. (saindo pelo fundo e dizendo á parte) Ah... meu senhor quer apanhá-lo aqui? Engana-se! O pobre Anastacio será todo vigilante. (sae)

CENA IX

HENRIQUE (só) depois PADRE JOSE'

HENRIQUE (abrindo a carta) — Vejamos o que me diz o dr. Miguel. (lendo) Sr. Henrique. Não me sendo possível hoje falar-lhe, na ocasião em que fizemos a conferencia à sra. sua filha, mesmo para não despertar nela qualquer desconfiança, é o motivo porque resolvi escrever-lhe aconselhando-o a que, case a menina o mais breve possível; sob pena de passar pelo desgosto de a ver succumbir dentro em pouco tempo. — (declamando) Oh! mas então perde-se de um momento para o outro uma unica filha?... E quem herdará toda a minha fortuna, se não tenho mais filhos nem parentes?!... Oh! não! não importa!... Perco-a sim!... perco minha filha, mas nunca, um pintor será o possuidor de dois mil contos de réis!... E foi ele!... foi aquele biltre o assassino de minha filha!... Ah! Eu te asseguro, desgraçado, que saberei vingar-me!...

PADRE JOSE' (entrando pelo fundo, como procurando a quem) — Maldita Catarina... (Vendo Henrique.) Deus esteja contigo, Henrique!

HENRIQUE — Olá, padre José, da maneira que eu vivo, parece-me que estou com o diabo.

PADRE JOSE' — Olha, filho, sabes o que é?... Creio que tua mulher antes de morrer, prometeu uma missa às almas, e não cumpriu a promessa. Portanto, com cinco mil réis, livras-te desse pecado que te aflige. Dá cá os cinco mil réis, vou dizer a missa.

HENRIQUE — Qual missa, Padre José! Não me fales nisso; minha mulher nunca padeceu de semelhante mania!

PADRE JOSE' (áparte) — Diabo! Não pegaram as bichas!

HENRIQUE — A questão principal, amigo Padre, é que minha filha, segundo me diz o Dr. Miguel nesta carta, está prestes a sucumbir.

PADRE JOSE' (áparte) — Caramba! Isso então ainda rende mais! Enterro pomposo!... (Alto) Oh! como assim, Henrique?... fala, fala depressa!...

HENRIQUE — Por causa daquele desgraçado e funesto amor!

PADRE JOSE' — Pois casa-a, filho, casa-a quanto antes!

HENRIQUE — Que dizes, Padre?... Pois não sabes que é um artista?!...

PADRE JOSE' (áparte) — Ai! ai! ai! que está tudo perdido!... (Alto) Já sei. Mas ele é bom rapaz, tem talento, ilustração e isso é o que serve, (áparte) Não há remedio senão fazer pela vida.

HENRIQUE — Mas do que me serve ter um genro dessa ordem se não tem posição nem dinheiro?!...

PADRE JOSE' — Por isso mesmo, amigo Henrique. Era uma ação nobre, uma ação de bom cristão, uma ação digna de nomeada popular.

HENRIQUE — Não digas blasfemias, padre! Eu quero para minha filha: títulos, dinheiro e grandeza!

PADRE JOSE' — Oh! Virgem Nossa Senhora, S. Pedro, S. Paulo e todos os santos da corte do céu!... Isso é que são horrosas blasfemias!... Isso que dizes, é até um pecado, um pecado que só se paga nas trevas do limbo ou nas caldeiras de Pedro Botelho.

HENRIQUE (áparte) Maldito massador! (alto) Sabes que mais?... vai-te para o diabo com todos os teus pecados! não creio em nada disso!

PADRE JOSE' (áparte) — Lá se vai tudo quanto Marta fiou! (alto) Não crês? Deixa estar, que quando te confessares, dar-te-ei por penitencia — andar de joelhos cinco vezes em redor da igreja e de joelhos nus!... Pois qual é o pai que não consente no casamento de sua filha com o escolhido do seu coração!?... Ah! ei-la aí, Tratem disso, porque no domingo

proximo, já quero ler os proclamas.

HENRIQUE — Bem; tratarei com brevidade, deste negocio!

PADRE JOSE' — Fazes muito bem, meu Henrique, Deus te pagará tudo isso no céu!...

HENRIQUE (*á parte*) — E a dar-lhe!... (*alto*) Qual céu, nem meio céu, Padre José! Não me venhas mais com recompensas celestes!...

PADRE JOSE' — Safa!... Se o mundo cristão se compo-
sesse de gente deste quilate, o clero tinha que quebrar pedra
e por nas portas das igrejas — **Aluga-se...** (*Sae pelo fundo*).

CENA X

HENRIQUE e ANGELINA

HENRIQUE (*indo ao encontro de Angelina, que entra pela esquerda baixa*) — Então, já tomaste o teu remedio?...

ANGELINA — Já, meu pai.

HENRIQUE — Pelo que vejo estás zangada comigo, não?...
Odeias-me, talvez?

ANGELINA — Não, meu pai, no estado em que me acho
de saude não posso odiar ninguém.

HENRIQUE — Nem mesmo porque eu te disse que ia as-
sassinhar o teu Alvaro?

ANGELINA — Não senhor. Aquilo foi dito no ato de exas-
peração, portanto não tem nenhum valor.

HENRIQUE — Foi sim, minha filha; nunca dêes credito
de palavras que eu proferir nos momentos de desespero. Mu-
dando de assunto; sabes? Acabo de receber uma carta do
dr. Miguel, na qual me promete, dentro em pouco tempo, livrar-
te dessa maldita molestia.

ANGELINA — Meu pai... O dr. Miguel é muito bom me-
dico, porém desta vez errou completamente. Garanto-lhe, que
pouco tempo me resta de vida.

HENRIQUE — Não fales assim, Angelina. Sé corajosa!
Não pensees em morrer.

ANGELINA — Ah! descanse; não é preciso recomendar-
me! Coragem, eu tenho bastante.

HENRIQUE — Fazes muito bem. A coragem é util a to-
das as pessoas enfermas. (*á parte*) Experimentemos qual é a sua
ultima decisão. (*alto*) Então... que me dizes a respeito de Al-
varo?

ANGELINA — A que proposito?

HENRIQUE — Ainda o amas?

ANGELINA — Ainda, e sempre!

- HENRIQUE** — Não mudas de resolução?
- ANGELINA** — Não senhor; juro que o amarei até ao ultimo momento da minha vida!
- HENRIQUE** — Reflete bem... Vê se dizes a verdade...
- ANGELINA** — Juro-o pela minha honra.
- HENRIQUE** — Tens definitiva certeza de nunca mudar dessas idéias...
- ANGELINA** — Tenho.
- HENRIQUE** — Nesse caso... (depois de longa pausa) logo! (saindo pela direita alta, dizendo áparte) Hás-de arrependertel...

CENA XI

ANGELINA, JADRE JOSE' e CATARINA que passam ao fundo, da esquerda para a direita

- CATARINA** (apressada) — Deixe-me. Vá para o diabo!
- PADRE JOSE'** (apressado) — Espera, oh! Catarina! Espera feiticeira de uma figa! Chega para cá!... (desaparecem, e ouve-se um ruído como que a queda de um homem) ai! ai! ai!... maldita mulher!...

CENA XII

ANGELINA, e logo depois ANASTACIO

- ANGELINA** — Oh! sim! Repetirei mil vezes, se preciso for — amar não é crime; portanto, amá-lo-ei sempre! sempre!
- ANASTACIO** (entrando pelo fundo com uma carta, que entrega a Angelina) — Sinházinha, está aqui esta carta do filho do senhor visconde. Disse que era a ultima que escrevia à sinházinha.
- ANGELINA** (colocando a carta sobre a mesa) — Anastacio, diz-me mais uma vez a esse senhor, que eu nunca o pude amar, porque meu coração pertencia a outro, e presentemente pertence à fria sepultura!
- ANASTACIO** — Querida sinházinha! Não desanime tanto... Seja mais alegre e corajosa... Não faça rebentar de novo as lagrimas do seu preto, daquele que quasi a criou, daquele pobre escravo que andava sempre com a sinházinha ao colo, e que a estima muito... muito... Tanto como um pai! (chorando) Oh! eu sinto que o meu coração estala ao vê-la sofrer tanto!
- ANGELINA** (acariciando-o) — Que é isso, meu amigo? Tu choras, Anastacio?... Infeliz criatura!... como me estimas! Mas eu prometo, que, antes de morrer, te recompensarei!

ANASTACIO (ainda chorando) — Eu não queria dinheiro, nem mesmo a minha liberdade! Ser escravo de gente como a Sinházinha, a vida é melhor que ser livre! Eu queria que visse! queria antes um coração, um anjinho que me falasse sempre assim: com tanto amor, tanto carinho! Ah! se a Sinházinha morrer eu sucumbirei também!

ANGELINA — Meu bom Anastacio! Bem conheço a amizade que me tens! Não chores que me entristeces muito! Eu não morro ainda! Vai, vai dar o recado ao filho do senhor visconde, anda, não te demores!

ANASTACIO (saindo) — Sim, minha Sinházinha, eu não me demorarei! (sae pelo fundo.)

CENA XIII

ANGELINA (só)

ANGELINA (contemplando a carta) — Infeliz moço! Amame e eu não posso absolutamente corresponder-lhe! Vejamos o que diz! (lendo) Senhora: há já bastante tempo que tenho a honra de escrever-lhe, patenteando desatinadamente o meu louco amor, e sem nunca ter a ventura de obter uma simples resposta de v. exci^{ta}!... Não podendo sofrer por mais tempo a sua indiferença de gelo, partirei amanhã para a Côrte, onde tenciono residir alguns anos, com o fim unico de ver se consigo esquecer este amor fatal que me entrou no coração. Adeus pois, seja feliz, e nunca possa amaldiçoar o infeliz que muito a amou. Peço-lhe, como ultimo favor, que destrua as minhas cartas... Adeus!... (declamando) Talvez que nada disso se realice. Sem duvida, antes de partir, terá a noticia da minha morte!... (como sentindo-se oprimida e tossindo excessivamente) Ai! sinto-me mal! muito mal! Queria descansar um pouco, mas não posso. A minha idéia só está em Alvaro... Eu queria vê-lo... queria procurá-lo por toda a parte... Percorrer este mundo... essas alegres campinas... até encontrá-lo e dizer-lhe: — Alvaro, não nos apartemos mais! Fiquemos unidos para sempre!... sempre, até a campa!... Ah! hei-de vê-lo ao menos, no cimo da montanha!... no mesmo lugar onde costuma acenar-me com o lenço! (sai vagarosamente pela direita alta)

CENA XIV

CATARINA, HENRIQUE e PADRE JOSE'

CATARINA (entrando apressadamente pelo fundo) — Que maldito homem! não há meio de escapar-lhe!...

HENRIQUE (entrando pela direita alta) — Catarina?

CATARINA (assustada) — Senhor!

HENRIQUE — Ando a tua procura.

PADRE JOSE' (entrando apressadamente pelo fundo) — Vem cá, oh!... (áparte, vendo Henrique) — Oh! diabo!

HENRIQUE (a Catarina) — Diz-me uma cousa... (Falam baixo.)

PADRE JOSE' (querendo sair cautelosamente, esbarrando-se com uma cadeira ao fundo e sentindo dores nos joelhos) — Ai! ai! ai! maldito reumatismo!

HENRIQUE (a padre José) — Que foi, Padre José?

PADRE JOSE' — Não é nada, é que... (áparte) Estou apertado! (alto) estive muito tempo fazendo oração... e o maldito reumatismo atacou-me com mais violência! (sentindo dores) Ai! ai! ai!...

HENRIQUE — Pois então, passeia que te faz bem.

PADRE JOSE' — Aceito o conselho. (áparte) Safa! Se ele viesse mais tarde apanhava-me...! (suspirando) Ai! ai!... Deixa estar, minha lambisgoia, tu m'as pagarás. (Sae pelo fundo).

CENA XV

HENRIQUE e CATARINA

HENRIQUE — Catarina; exijo que me digas toda a verdade. O caso de que se trata é de suma importancia. Tu deves saber alguma cousa dos amores de Alvaro e Angelina!

CATARINA — Não senhor; apenas sei que se amam.

HENRIQUE — Como e de que maneira o sabes?...

CATARINA — Porque ela m'o contou.

HENRIQUE — Correspondem-se mutuamente?

CATARINA — Sim, senhor.

HENRIQUE — Disseram-me que ele vinha alta noite falar-lhe e que tu os protegias nessas entrevistas!...

CATARINA (assustada, depois de breve pausa) — Não, senhor... Isso é falso!

HENRIQUE (áparte) — Ah! ela assustou-se!... Sem duvida é medianeira daquelle patife! (alto) Catarina!... tu tu mentes!...

CATARINA — Não senhor!

HENRIQUE — Mentas, repito... Não negues, porque eu sei tudo!... Vamos, confessa a verdade, que é para bem dele e de tua ama!

CATARINA — Mas, senhor; promete realmente não lhes fazer mal?

HENRIQUE — Prometo..

CATARINA — Pois é verdade! O sr. Alvaro vem quasi todas as noites falar-lhe na sacada.

HENRIQUE — Maldição!... Vir na minha ausencia, alta noite, seduzir minha filha!... (*pegando com força nas mãos de Catarina*) — Diz-me! Fala a verdade, senão... Angelina... a minha filha está deshonrada, não é assim?...

CATARINA — Oh! não senhor!... não pense em tal!

HENRIQUE — Mentas!... Leio-te nos olhos que me ocultas esse crime!...

CATARINA — Creia-me, senhor, eu não minto!...

HENRIQUE — Mentas, repito! Eu sei que mentas, Catarina!

CATARINA — Senhor!... eu sou uma pobre criada de servir, mas não sei mentir, principalmente quando se trata de assuntos tão melindrosos! Sua filha, senhor, é uma menina honesta!...

HENRIQUE — Bem! creio nessa tua franqueza, porque vejo que é a expressão da verdade; porém, ela desobedeceu-me, e nesse caso, não vê a distancia que os separa!... Enfim, estou mais tranquilo! Pódes retirar-te. Proibo-te, expressamente que a alguém relates o que entre nós se passou!

CATARINA — Eu lh'o prometo, senhor. Nada direi (*sae pela esquerda alta.*)

CENA XVI

HENRIQUE e logo depois ALVARO

HENRIQUE — Canalha!... Abusar assim da minha boa fé! Entrar aqui às ocultas para seduzir minha filha!... Deixa estar, que no primeiro encontro que tivermos, te mostrarei como um opulento sabe marcar a chicote, as faces de um plebeu!... Que nojo!... que aversão, que odio mortal eu tenho a esses imbecis, a esses que pertencem à detestavel pobreza!... Ah! Se a plebe toda fosse uma só criatura — eu ou ela, havia de succumbir!... Sim!... eu de um só golpe destruiria esses filhos da canalha!...

ALVARO (*entrando pelo fundo, ouvindo as ultimas palavras de Henrique, áparte*) — Ocupa-se de mim. Ainda bem, (*alto, curvando-se*) — Sr. Henrique...

HENRIQUE — Que!... O senhor, aqui!... em minha casa?!...

ALVARO — Perdão senhor! Ignoro qual seja o meu crime, para que essa exclamação possa ter lugar. Entretanto, eu não venho aqui para discutir. Venho sómente dizer-lhe o seguinte: — Se quando há pouco, me mandou prender pelos seus es-

cravos, para castigar-me, eu me retirei, não foi certamente, por temor que o seu chicote me viesse macular as faces: não! Alvaro, o pobre em tudo, menos em honra, nunca foi um covarde! Soube sempre repelir com dignidade os insultos que lhe atiram! Se fugi, senhor, foi para fazer a vontade a um amigo que muito prezo!

HENRIQUE — Pois que?!... Os seus amigos, sabem já das relações amorosas, que o senhor tem com minha filha?!...

ALVARO — Não senhor, é um só. Este mesmo, é o seu escravo Anastacio!

HENRIQUE — O meu escravo?! Pois o senhor, tem por amigo um escravo? (rindo) Ah! ah! a plebe é mesmo assim!...

ALVARO — O sr. Henrique disse tudo. A plebe é mesmo assim. A plebe não nega a sua mão ao homem honesto e talentoso. A plebe nobilita-se pelo trabalho honrado e independente. A plebe, finalmente, não distingue posições nem cores, só distingue qualidades. Agora, sr. Henrique, nada mais tenho a dizer-lhe. Retiro-me, pedindo-lhe um unico favor, um só, o qual espero fazer-me, que é: nem ao menos repreender o bom Anastacio. Consinta, pois, que me retire. Adeus, senhor! (vai para sair)

HENRIQUE — Alto lá! Então o senhor julga sair impunemente desta casa?!...

ALVARO — Não me julgo criminoso: portanto, não receio castigo algum, a não ser vitimado injustamente, pelos seus nefandos designios.

HENRIQUE — Não é criminoso?!... Pois esquece-se de que se tem introduzido alta noite em minha casa com o fim de seduzir minha filha?!

ALVARO — Perdão, senhor! Isso não é crime! E' apenas uma falta da qual peço desculpa!

HENRIQUE — Não o desculparei nunca, senhor!...

ALVARO — Pois se não tem desculpa, isso a que o senhor chama um crime, aqui me tem!... entregue-me à justiça!...

HENRIQUE — Justiça!... Justiça costume eu fazer por minhas mãos!

ALVARO — Isso é que não póde!...

HENRIQUE — Não posso?!... Pois eu te mostrarei já, infame!... (vai para sair pelo fundo)

ALVARO (impedindo-lhe a passagem) — Perdão senhor, vai sem duvida chamar os seus escravos para que me assassinem covardemente?... pois engana-se! O unico que sairá daqui — serei eu!...

HENRIQUE — Sairás sim, mas só depois de morto, canalha!

ALVARO — Sr. Henrique! Peço que não repita essa palavra, do contrario, não responderei por mim!...

HENRIQUE — Quem és tu, para que assim julgues ame-drontar-me, miseravel!...

ALVARO — Sou um cordeiro, transformado em leão, que quer livrar-se das garras malditas de um tigre que o pretende despedaçar! Sou um homem humilhado, insultado, que precisa repelir os insultos covardes que lhe arroja às faces um vil opulento! Finalmente, senhor, — é insulto por insulto, violencia por violencia!... (dá uma bofetada na face de Henrique)

HENRIQUE — Ah!...

ALVARO — Eis aí como procedem os filhos da canalha!

HENRIQUE — Um duelo!...

ALVARO — Sim!... Um de nós deve morrer!...

HENRIQUE — Eu não me bato com vilões — amigos dos meus escravos!...

ALVARO — Eis aí... a desculpa dos miseraveis!... E' a mais plena significação da covardia! covardia infame da falsa e execranda opulencia!... (sae pelo fundo)

HENRIQUE — Deixa estar que nós nos encontraremos!...

FIM DO PRIMEIRO ATO

ATO II

O teatro representa uma sala bem mobiliada, contendo uma mesa redonda no centro com cadeiras, à roda; portas laterais, à esquerda alta e baixa, na direita alta e fundo. À direita, baixa amplas sacadas que deitam para uma floresta sombria. E' ao anoitecer.

CENA I

PADRE JOSE' e CATARINA

Padre José, dorme recostado ao espaldar de uma cadeira, junto à mesa redonda, tendo sobre esta o serviço desarrumado de um belo jantar. Caído pela sala, está o chapéu e bengalão do padre).

CATARINA (na porta da esquerda) — Chi! ainda doreme aquela esponja. Pois deixa-lo dormir, não o acordo. (sae).

CENA II

PADRE JOSE' e depois CATARINA

PADRE JOSE' — Oh! com um milhão de diabos! e não cai na raposeira! Safa! já é noite! (vai cambaleando à sacada e examina os astros) Não há duvida!... Hei de ver-me atrapalhado para chegar até à casa. Hein? pareceu-me ouvir a voz de Catarina! (suspirando) Ai! ai!... aquela pequena é os meus pecados!... Eu, porém, não desisto dos meus inten-

tos... e para conseguí-los... tenho uma idéia... Hoje hei de dar-lhe um abraço e uma beijoca por bem ou à força. Espere-remos. Entretanto bebamos mais um trago, à saúde da brejeirinha! (bebe) Mais este à saúde do dégas!... (bebe) Agora mais um, pelo amigo Henrique... (bebe) E por falar nele, porque seria que não quiz jantar hoje? Ora que me importa. (bebendo) Ainda à tua saúde, meu bom Henrique!... levantando-se) Realmente é um bom homem este Henrique... Quasi me sustenta, o que não é lá qualquer cousa; porque a respeito de garfo e copo... psio! peço meças... Que diabo é listo? Sinto-me, tristonho. Nada de tristeza, quero ficar alegre! Quero me lembrar do meu tempo!... Vou cantar uma modinha... Que há de ser... Ah! (dança, e canta uma quadra lundú. Cai numa cadeira junto à mesa e fica adormecido, canfrolando ainda e pronunciando o nome de Catarina)

CATARINA (Trazendo luz. Na porta da esquerda alta) — Oh! que homem detestavel! (entrando e chamando) Oh! Sr. Padre José! Sr. Padre José?... (consigo) Qual! Não há meios de acordar! Este filante de jantares não se farta de amolar-me! Enfim, enquanto ronca é melhor arrumarmos a mesa (tira todo o serviço de jantar para fóra da cena) Ora aqui está; não há vida melhor do que a deste tipo. Não trabalha e ganha muito. O unico serviço que têm é fazer tregeitos com o corpo no altar e dizer à tôa cousas que ninguem entende. Que massada!... este beberrão não acorda e eu preciso dormir. (chamando) Oh sr. Padre José!... Sr. Padre José?!... Ah! sim?... vou dar-lhe um piparote no focinho. (dá-lhe) Oh Sr. Padre José!... (chamando de novo) Oh roupeta de uma figa!?... Acorde!...

PADRE JOSE' (acordando) — Hein?... queres uma corda?... Ah... lá vai a idéia... (sorrindo-se e dando-lhe um abraço repentinamente) Ah! minha ladrona!... dei-te ou não, um abraço, hein?... sua velhaca?... E se duvidas... (quer dar-lhe outro abraço).

CATARINA (arremessando-o na cadeira) — Eu já lhe disse que não gostava de brincadeiras!...

PADRE JOSE' (levando as mãos aos joelhos) — Ai! ai! ai!... Os diabos te carreguem!... Espera, espera que eu te curo!...

CATARINA — Vá, vá, meta a viola no saco e ponha-se ao fresco, que já são horas.

PADRE JOSE' — Espera, que hás de gramar duas bengaladas, minha serigaita!... (querendo apahhar o bengalão e caindo tonto pela bebida) Oh! com a breca!... E não cai?!... E'... eu cai!...

CATARINA — Bravo!... Como está hoje alegre e espirituoso!

PADRE JOSE' (furioso) — Vai-te para o diabo! (levanta-se a custo levando às mãos aos joelhos) Ai! ai! ai! ai!...

CATARINA — Sim senhor; muito bem; é um verdadeiro palhaço!

PADRE JOSE' (levantando o bengalão como quem quer espancar) — Ah! eu sou um palhaço, hein?!... Espera, espera que eu te sóvo já o costado, tagarela de todos os diabos!...

CATARINA — Boas!... Olhe, não se demore muito, Adeusinho, hein?... E' tarde, e o seu companheiro... o cavalo... espera-o impaciente... (rindo) Ah! ah! ah!... De hoje em diante tenha mais juízo que é proprio da sua idade!... (rindo) Ah! ah! ah!...

PADRE JOSE' — Espera... eu te mostro se tenho ou não juízo!... Espera que te quebro essas costelas!... **corre, querendo espancar Catarina**).

CATARINA (rindo) — Ah! ah! ah!... (sae e fecha a porta repentinamente).

CENA III

PADRE JOSE' (só)

PADRE JOSE' (caindo) — Ai! ai! ai!... Com um milhão de diabos!... Deixa estar que um dia hei de apanhar-te, bruxa do inferno!... Ah! maldito reumatismo!... Não há remedio!... Vamos para casa... (lembrando-se) Oh! com satanaz... Então não me ia esquecendo o zimbório?! (vai apanhar o chapéu e cambaleia) Mau! mau!... parece que vou outra vez de ventas ao chão! Com mil raios, estou hoje caipora! (apanha o chapéu a custo com o bengalão) Apanhei-te, cavaquinho! Ah... tudo me persegue... E' o reumatismo por um lado, a cabeça viajando à roda do mundo, e a maldita Catarina... (suspirando profundamente) Ai! ai!... tudo é contra mim (quer caminhar e não póde) Mau! mau! agora parece que estou pregado! (caminhando) Ah! até que finalmente! Mas isto é o diabo! Dançando desta maneira esmurro as bitaculas nos degraus da escada... Ah! quem me dera aqui o meu burro! Enfim, vamos a vêr... (vai para sair pela sacada) Oh! com os diabos! eu já nem sei por onde é a saída... (examinando) Ah! é por ali... (suspirando) Ai! ai! Catarina!... Addio Addio fanciula mia! Addi... Sabes que mais... vai para o diabo que te carregue... (sai pelo fundo).

CENA IV

CATARINA e ANGELINA

(Ambas entram pela esquerda baixa receiosas de serem presentidas).

ANGELINA (com amiudados acessos de tosse) — Sabes que dia é hoje, Catarina?

CATARINA — Sei. E' o dia em que o sr. Alvaro costuma vir, justamente a esta hora, conversar com a menina.

ANGELINA — Isso mesmo.

CATARINA — E a menina espera-o?

ANGELINA — Naturalmente!

CATARINA — Ah! mas eu creio que ele não virá hoje.

ANGELINA — Qual a razão?

CATARINA — Sem duvida, por temer que o sr. Henrique o descubra e o desfeiteie...

ANGELINA — Não será de certo esse o motivo. Alvaro é um môço destemido. Ignora o que é medo.

CATARINA — Entretanto... convinha que ele não voltasse mais aqui...

ANGELINA — Isso é impossivel. Eu quero vê-lo sempre... sempre junto de mim!

CATARINA — Em todos os dias convencionados?!...

ANGELINA — Justamente.

CATARINA — Faz muito mal. Pelo que parece, esqueceu-se da cena violenta que aqui se deu há dias?!...

ANGELINA — Ah! aquela altercação!

CATARINA — Altercação?!... Desafio para um duelo!

ANGELINA — E que importa isso?

CATARINA — E' que pôde acontecer, que o sr. Henrique o espere de emboscada, para matá-lo!...

ANGELINA — Que absurdo, Catarina! Meu pai nunca foi um miseravel assassino!... (Ouve-se imperceptivelmente o som triste e melancolico de uma fluta, sobressalta-se) Cala-te!... (pausa) Ah! Ei-lo!... E' ele!... vigia com cuidado se meu pai está dormindo!...

CATARINA — Deve dormir a sono solto. Estas ultimas noites tem lhe sido difficil conciliá-lo!...

ANGELINA — Catarina, minha boa amiga. Vê... vê não acorde; igualmente examina o movimento dos escravos! Vai, corre!...

CATARINA — Sim. Eu examinarei tudo, não tenha o menor receio! (sai pela direita alta. Angelina dirige-se à sacada)

CENA V

ALVARO e ANGELINA

ALVARO (saltando da sacada e dando um beijo na face de Angelina) — Sou pontual, querida Angelina! Ah! mas não imaginas quais as dificuldades com que lutei, para te vir dar este abraço e estar um momento a sós contigo.

MUSEU



BIBLIOTECA JENNY K. SEGALL

COLEÇÃO LOPES GONÇALVES

ANGELINA — Sei, Alvaro, sei que és um intrepido moço... tudo sacrificas por minha causa!...

ALVARO — Angelina, meu doce amor!... Por ti, quem não afrontará todos os perigos!... Quem há que por ti não exponha cem vezes a propria vida?!... Mas dize-me acaso saberás já do que se passou entre mim e teu pai?!...

ANGELINA — Sei. Contou-me Catarina que tudo ouviu.

ALVARO — E o pobre Anastacio sofreu algum castigo?

ANGELINA — Ainda não, mas sei que lhe estão destinados trezentos açoites.

ALVARO — Oh! é horrivel!... Angelina, vê se o podes livrar deste barbaro suplicio, sim?

ANGELINA — Farei todo o possivel, meu Alvaro.

ALVARO — Bem. Agora dize-me: quem fez chegar ao conhecimento de teu pai, a existencia do nosso amor?

ANGELINA — Eu mesma.

ALVARO — Tu?!...

ANGELINA — E' verdade.

ALVARO — E que te respondeu?

ANGELINA — Que nunca sua filha se casaria com um homem que tinha saído da plebe, para lhe entrar em casa no-doando a sua familia.

ALVARO — E' repulsivo!... Custa a suportar golpes tão profundos!... O que é ser pobre, minha boa Angelina! O acaso, permitiu que tu fosses imensamente rica, e eu imensamente pobre!... Ah! quanto somos infelizes!

ANGELINA — E' verdade; mas em parte a culpa é tua!

ALVARO — Minha?!... E porque?

ANGELINA — Porque se com boas maneiras tivesses falado na nossa união a meu pai, ele anuiria.

ALVARO — Isso nunca, Angelina! Pensa primeiro e verás que seria atrevimento um pobre artista como eu pedir a filha de um dos mais ricos fazendeiros desta provincia!... E de mais, comprehendes que todo o homem pensador deve cingir-se à sua posição, desde que, conhece bem as idéias da pessoa com quem trata!

ANGELINA — Tens razão. Por causa destes absurdos a que a sociedade chama — preconceitos — é que nós somos e seremos sempre infelizes; muito infelizes, meu querido Alvaro! (chora)

ALVARO — E's um anjo, minha boa Angelina! Mas que é isto?... Não chores!... filha, vou dar-te um conselho: casa com o homem escolhido por teu pai.

ANGELINA (Recuando, como vendo que Alvaro nunca sentiu por ela o menor afeto) — Que!... Pois tu... tu aconselhas-me que case com outro homem?!...

ALVARO (Querendo justificar-se). — Angelina...

ANGELINA (interrompendo-o) — Pois será crível, que eu tenha vivido iludida até hoje?!...

ALVARO — Angelina! Juro-te que em todo o mundo não há quem te ame tanto como eu!...

ANGELINA — Nunca! Vejo agora que acreditei nas palavras fementidas de um farçante!... Nunca, repito!... não posso crêr nessa falsa desculpa!

ALVARO — Não crês?... não crês. Angelina?!... Sê franca... Jura!... O que dizes é ditado pelo verdadeiro sentimento?...

ANGELINA — Sim, juro!... Digo o que sinto!

ALVARO — Angelina... tu... deves ter recebido algumas cartas do filho do Visconde do Vale, não é verdade?

ANGELINA — Como o sabes?!...

ALVARO — Foi Anastacio quem mo disse.

ANGELINA — Anastacio?!... Também ele!...

ALVARO — Cala-te!... não acuses tão excelente criatura!

ANGELINA — Pois bem; vou falar-te com franqueza! Tenho sim!... tenho recebido cartas desse homem, porém, a minha resposta, sempre foi esta: — que não me escrevesse mais, e que se esquecesse de mim, porque eu amava outro, e esse outro és tu, que me iludiste!... Iludiste-me sim, até o ultimo momento!... E se a minha vida é tão curta, é a ti que a devo!... só a ti!...

ALVARO — Angelina!

ANGELINA (como continuando) — Mas... não importa, senhor... Alvaro!... Tenho lido novelas onde há mulheres que levam a taça envenenada aos lábios de seus amantes refalsados e cinicos, porque se viram traidas... portanto eu juro que farei o mesmo ao infame que amei!... Agora, ordeno-lhe que saia...

ALVARO (impedindo-lhe a passagem) — Ouve-me primeiro Angelina, eu te duplico!

ANGELINA — Não me impessa a passagem, senhor!... Eu estou na minha casa!... Sáia, repito!... (quer sair de novo)

ALVARO (impedindo-a novamente e puxando por uma pistola) — Angelina, Se partes sem me prestares atenção, juro-te pela minha honra, que me matarei!

ANGELINA — Ah... (Fica horrorizada)

ALVARO (guardando a arma e dizendo com calma) — Diz-me, Angelina, estás bem certa se as cartas que tens recebido, são escritas pelo proprio punho de Pedro de Andrade?

ANGELINA — Certissima. Era ele mesmo que as entregava ao Anastacio!

ALVARO — E' falso!...

ANGELINA — Impossível!... Deposito toda a confiança em Anastacio!

ALVARO (com a maior calma) — Tudo isto foi uma farsa. Olha: era eu que as entregava a Anastacio e era eu quem as escrevia!...

ANGELINA — Não te compreendo: explica-te!

ALVARO — Era eu o autor dessas cartas, querida Angelina...

ANGELINA — Tu?!... E com que fim?

ALVARO — Escuta: Por ser eu o causador dos teus males, queria ver-te um dia feliz, fosse como fosse. Pensei... que para chegares a ser minha esposa era impossível, visto teu pai pensar da maneira que sabemos. Então, para que deveria eu causar-te um grande mal, se este tinha remedio?!... e esse remedio, Angelina... a meu vêr, era casares com Pedro, porque sei que não lhe és desafeçoada. Oh! mas depois... depois desse casamento realizado... eu partiria... para bem longe daqui... e então o pobre louco, o desventurado Alvaro, não teria mais animo para trabalhar... nem mesmo para viver... poria termo à sua existencia!... (*interrompe-se pelos soluços*)

ANGELINA — Oh! Alvaro; querido Alvaro, como és bom. (*chora*)

ALVARO (continuando) — Então, por meio de cartas em seu nome experimentei se o amavas, e da minha experiencia fatal, resulou — que tu, Angelina, tu só tinhas um amor puro e santo, que só eu, dentre todos os homens, era o unico que escolhias para teu esposo!...

ANGELINA — Oh! quanto é horrivel a nossa sorte! Como somos desgraçados!

ALVARO (Chorando) — Muito, Angelina.

ANGELINA — Alvaro! resigna-te... não chores!...

ALVARO — Deixa-me... Deixa dar expansão às minhas lagrimas! a estas lagrimas filhas do odio e que são a vergonha do mundo!... Quem chora, é um trabalhador incansavel e honesto... mas pobre! Estas lagrimas são vertidas no fatal momento em que penso; que é o artista que faz com que a civilização caminhe através dos seculos, ao passo que, quando ele bate à porta do milionario, este pergunta-lhe do alto de sua opulencia: — “Quem és?...” “E’ um artista que pede uma esmola, trabalho ou proteção!...” E ele responde: “Dinheiro e trabalho não tenho para te dar, quanto a proteção... convem que te conheças!...” Eles, os opulentos, só protegem os seus, Angelina!... E é isto... é isto que me faz chorar... Oh! chorar até mais não poder! Mas não importa!... Deixa, deixa correr estas lagrimas que são lagrimas — de um artista!... porem de um artista, que escarnece, ri e cospe na face da estu-

vida e soberba opulencia!...

ANGELINA — Tens razão! E' o artista que deveria ser um dos mais distinguidos na sociedade, e entretanto, é o mais desprezado. Mas não chores! Sê corajoso, e resigna-te que é proprio dos homens de talento!...

ALVARO — Sim... O homem não deve mostrar-se fraco, ainda mesmo lutando peito a peito com a adversidade!... Sim, Angelina!... tu inspiras-me sempre!... tu das-me luz e intelligencia! Pois bem: hei de lutar... lutar corajosamente até vencer o inimigo, ou succumbir na luta! e a peleja vai começar... já... neste momento!... Olha, vou pedir-te a teu pai, e se ele não anuir ao meu pedido, à minha supplica, a justiça!... a justiça obrigo-lo-a!... **(vai para sair, mas recua ao ver entrar Henrique e dizendo baixo a Angelina)** Ele!

ANGELINA — Coragem e prudencia!...

CENA VI

Os Mesmos e HENRIQUE

HENRIQUE (entrando pela direita alta) — Bravo! Explendido encontro!... Finalmente, consegui apanha-lo justamente como eu queria! Saiba que vou mandar azorruga-lo pelos meus escravos!... Vae receber o premio da sua audacia, miseravel seductor!...

ALVARO — Ah! é de mais!... **(Vai a lançar-se sobre Henrique, reconsidera e diz consigo.)** Mas que ia eu fazer?! **(alto)** Senhor! Conheço que cometi uma grande falta! O homem que entra assim alta noite e às occultas em uma casa alheia, merece realmente que o castiguem e que o entreguem à justiça; Sim! Eu sou o primeiro a reconhecer-me culpado! Mas, se o fiz, senhor, não foi para perpetrar um crime!... Foi só para vêr a criatura por quem vivo!... a criatura que mais amo! Ainda um momento, senhor! Eu sou um homem que tem por compaheiro inseparavel — o infortunio!... Um homem perseguido pela desgraça a todos os instantes, noite e dia, e em toda a parte! Finalmente, senhor, sou um homem, nascido e criado numa enxada, e bem exposto por meus pais à discrição da sorte, de uma sorte bem funesta! Porem, acima de toda esta desventura, ainda há outra que mais me pesa: é o ter um coração para amar loucamente sua filha, a ponto de me vêr forçado a afrontar deste modo o seu lar domestico! Portanto, senhor, compadeça-se de um filho da desgraça! Proteja-me! faça-me feliz! Não peço a sua riqueza, só quero a mão de sua filha!

ANGELINA (À parte, tendo estado debulhada em pranto)
 — Infeliz Alvaro!

HENRIQUE (a Alvaro com arrogancia) — O Senhor pede-me a mão de minha filha?

ALVARO — E' verdade, senhor, e nada mais quero daquilo que lhe pertence! Eu trabalharei para sustentá-la e ela será feliz!

HENRIQUE — O senhor?... O senhor fazer feliz minha filha?... Faz-me dó, creia-me!... Onde estão os seus titulos?... Uma fortuna enfim, igual ao dote dela?... Tenho muita compaixão dos idiotas, como o senhor, mas advirto-lhe que se conheça, e não tolero por mais tempo a sua ousadia!

ANGELINA (a Henrique suplicando) — Querido pai, não o insulte!...

ALVARO — Senhor! Peço-lhe que não responda com ironias e insultos ao modo respeitoso com que o estou tratando.

HENRIQUE — Ah! quer que não insulte a... a sua pessoa... pois nesse caso, sáia! Sáia, mas previno-lhe que não volte mais a esta casa!

ANGELINA (a Henrique) — Oh! modere-se meu pai, modere-se!

ALVARO — Senhor... por piedade... não seja cruel... veja que dilacera dois corações!

HENRIQUE — Sáia, repito!...

ALVARO (magoado profundamente) — Eu sáio, senhor... mas antes peço o seu consentimento para dizer duas palavras à senhora sua filha!

HENRIQUE — Concedo! (áparte passeiando enraivecido) Ah! até que enfim; agora não volta e se voltar...

ALVARO (a Angelina depois de contemplá-la sinistramente) — Adeus... adeus querida Angelina!... Adeus para sempre!... Nunca mais nos tornaremos a vêr! Oh! nunca mais! Preciso procurar na morte cruel o termo da minha desventura! (beijando-a na testa) Oh! adeus!... adeus... (vai para sair).

ANGELINA (impedindo-lhe arrebatadamente a passagem) — Alvaro!... Alvaro que vais fazer?!...

HENRIQUE (tirando Angelina dos braços de Alvaro) — Deixa-o partir, Angelina! E ordeno-te que conheças a tua posição! Não consinto que manches as tuas mãos no fato da canalha!

ALVARO (voltando-se impetuosamente) — Canalha!... Alto, senhor!... (depois de pequena pausa) Porque sou um homem do povo, e estou em sua casa, o senhor não tem o direito de insultar-me!

HENRIQUE — Não tenho o direito?!... Canalha, repito!... Não te temo desta vez!!!...

ALVARO (comprimindo o coração) — Ah!... se essas palavras não fossem proferidas pelo pai daquela que mais amo,

fosse eu muito embora um monstro, mas essa afronta, que abominavelmente me arrojou às faces, ser-lhe-ia devolvida com o selo maldito da bala desta pistola... (atira fóra uma pistola que tinha tirado do seio).

ANGELINA — Alvaro, por quem és!...

HENRIQUE (áparte) — Isto é demais!...

ALVARO (beijando a mão de Angelina) — Sou um desgraçado, Angelina... oh! um desgraçado!...

HENRIQUE (colérico ao vêr Alvaro beijar as mãos de Angelina, dizendo áparte) — Oh! não posso suportar tanta afronta! (alto) Canalha!... Ousas beijar as mãos de minha filha?!...

ALVARO — Perdão!... Eu beijo as mãos de um anjo, de um tesouro de bondade e de inocencia, da mulher que mais amo!...

HENRIQUE — E o senhor atreve-se a dizer segunda vez que ama minha filha?!...

ALVARO — E porque não?!... Acaso haverá nisso algum crime!.. Sou artista e pobre, é verdade, mas isso não importa; a justiça não distingue posições, senhor!... Agora esta moça será minha mulher!...

HENRIQUE (a Angelina) — Oh! E tu desgraçada o que fazes? Não repeles os improperios deste biltre?!... — (tenta dar-lhe uma bofetada).

ALVARO (postando-se na frente de Angelina) — Para traz!... Para traz, repito!... Se alguém neste momento ousar tocar nem de leve, num só dos seus cabelos, dentro daquela arma ainda existe uma bala!... (indica a pistola caída).

HENRIQUE (encaminhando-se lentamente para o fundo — Ah!... o senhor... é... é valente... muito valente... Queira esperar-me um instante... volto já... (sai pelo fundo olhando rancorosamente para Alvaro).

ALVARO — Sempre covarde!

ANGELINA (chorando) — Oh! e meu pai sempre firme na sua negativa!

CENA VII

Os Mesmos, menos HENRIQUE

ALVARO (desconfiado da saída de Henrique) — Angelina..

ANGELINA (interrompendo-o) — Vês, Alvaro, o genio desabrido que meu pai tem?...

ALVARO — Angelina... preciso retirar-me... sem demora...

ANGELINA — Queres partir? Ah! mas vejo que assim é preciso... eu estou com medo... aquela saída...

ALVARO — Sim... aquela saída repentina de teu pai... aquele olhar... teu pai quer assassinar-me!...

ANGELINA — És uma criança, Alvaro! Meu pai pôde ser tudo menos um assassino! (assustam-se ao ouvir um ruído à direita).

ALVARO — Que será isto?

ANGELINA — Vou vêr! (Vai para sair pela direita).

ALVARO (detendo-a) — Não! eu vou, espera... (apanha a pistola e quer investir pela direita).

ANGELINA — Alvaro! suplico-te... não vás! (sai).

CENA VIII

ALVARO e ANASTACIO

ALVARO (olhando para o fundo e escutando) — Ah! sinto passos!... Para aqui dirige-se alguém!... (engatilha a pistola e fica em guarda)

ANASTACIO (entrando apressado pelo fundo) — Ah! senhor Alvaro!...

ALVARO (á parte) — Ah! é o bom Anastacio! (alto) O que é, Anastacio, há alguma cousa de novo?

ANASTACIO — Oh! senhor Alvaro, o senhor está perdido!...

ALVARO — Perdido!... porque, bom Anastacio?

ANASTACIO — Porque meu senhor mandou cercar toda a casa pelos seus escravos, com ordem de fazer fogo em quem quer que descer pelas janelas! O senhor Alvaro vai descer por aquelas que deste lado estou eu. (indica a direita alta) Vá, senhor, vá, não perca tempo! Na sala da frente já tem uma corda para o senhor descer que agora mesmo deitei da parte de fóra! Vá, senhor Alvaro, vá depressa! (quer sair)

ALVARO — Meu bom Anastacio! Quanto te devo! Agradeço-te os esforços que fazes para salvar-me, e a grande amizade que me consagras! Desta vez, porém, rejeito a fuga que me propões, porque é vergonhosa!... Não! não aceito! Deixame esperar o inimigo de frente!... (indicando a direita baixa) Subi por ali, e por ali hei de descer!...

ANASTACIO (ajoelhando-se) — Sr. Alvaro! tenha pena de si e de sinházinha! Não saía por aquele lugar! Ali é onde está meu senhor armado de espingarda, e o sr. Alvaro não lhe escapa porque ele atira bem!

ALVARO — É por confiar na sua pontaria que teimo em me expôr à bala da sua arma! (levantando-o comovido) Levanta-te, bom Anastacio! Vai para o teu posto, que teu senhor pôde dar pela tua falta! (abraçando-o) Adeus, meu amigo, é provavel que nunca mais nos tornemos a vêr!

ANASTACIO — Oh! sr. Alvaro...

ALVARO — Vai, Anastacio, não fiques aqui mais um momento que te pôde ser fatal!

ANASTACIO — Sr. Alvaro, expôr assim a vida é uma loucura!

ALVARO — É; mas que queres, amigo! A morte para um homem que sofre como eu é uma felicidade!

ANASTACIO — Neste caso o sr. Alvaro prefere morrer definitivamente.

ALVARO — Prefiro!

ANASTACIO — Pense bem... Essa é a ultima decisão do sr. Alvaro?

ALVARO — É.

ANASTACIO — Adeus, senhor, adeus! não posso salvá-lo!... (sae ligeiramente pelo fundo)

ALVARO — Adeus, bom Anastacio, meu unico amigo!

CENA IX

ALVARO e depois ANGELINA

ALVARO (só) — Não! não quero, sr. Henrique, fugir às balas das suas carabinas, mesmo para que mais tarde o senhor não diga que eu fui covarde como presentemente o considero! Quero que a sua bala seja a primeira a atravessar-me o peito! É este o procedimento da plebe!...

ANGELINA (entrando pela direita alta) — Alvaro, percorri as salas todas, e apenas vi uma corda junto a uma janela. Não posso atinar, quem e com que fim a puzeram ali!

ALVARO — Foi o nosso protetor, o nosso fiel Anastacio que a atirou da parte de fóra para que eu descesse por ela. A sua queda foi o estrondo que ouvimos!

ANGELINA — Descer pela corda!...

ALVARO — Sim, Angelina, ele desconfia... que teu pai quando eu descer pela sacada mande atirar sobre mim!

ANGELINA — Até o próprio Anastacio faz tão mau juizo de meu pobre pai!

ALVARO — Creio que aquele bom preto tem alguma razão, Angelina, teu pai é um mau homem! Agora... preciso separar-me de ti, querida Angelina!... Eu vou partir... partir!... (áparte) Oh! são duas mortes a um tempo, esta infeliz não resiste!...

ANGELINA — É bem doloroso este apartamento, mas vejo que assim é preciso!...

ALVARO — Angelina!... Querida Angelina!... adeus... Mas, não sei o que tenho... não posso deixar-te... Oh!... eu

morro... eu morro aqui mesmo, (depois de olhar horrorizado para a sacada) Angelina! adeus!! adeus para sempre! Olha... a féra que quer beber-me o sangue, anciosa lá me espera!... Adeus!... (dirige-se com velocidade para a sacada)

ANGELINA (dando um grito) — Ah!... Alvaro... não vás!...

ALVARO (horrorizado) — Ah!... (recuando) Ali!... ali!... (dando com Angelina) Angelina! oh! por piedade não me acompanhes! (indicando a esquerda) Vai... vai, querida Angelina! vai para aquelas salas! Oh! não te demores!... Sai deste lugar!...

ANGELINA — Não!... não sairei!!!... Alguma cousa te amedrontou, portanto, eu quero vêr o que é... (dirige-se à sacada.)

ALVARO (detendo-a) — Tu... tu queres ver um quadro horrível?!... Pois bem! (levando-a para junto da sacada e apontando para fóra) Olha!... vê?... Vês aquele vulto... ali outro... e mais outro?...

ANGELINA (recuando horrorizada) — Ah!... Socorro! que estamos com a casa cercada por ladrões!!...

ALVARO — Não!... não são ladrões, Angelina! É teu “bom pai” em companhia dos seus escravos, que me esperam para assassinar-me!

ANGELINA — Ah! (comprime o coração e ampara-se para não cair).

ALVARO (dirigindo-se à sacada e falando para fóra) — Atira!... atira, covarde!... Atira, miserável!... Atira sobre o artista, porque não tem riqueza nem títulos para oferecer à tua filha!... Apressa-te!... manda descarregar sobre mim essas armas, na certeza de que matas um homem que não é covarde! covarde como tu, desgraçado!... Vamos!... atirem!... — atirem todos a um tempo, corja de assassinos!!!... (desce rapidamente pela sacada).

HENRIQUE (fóra) — Atirem!... Façam fogo!... (ouve-se a detonação de um tiro de espingarda e após este um grito agudo).

ANGELINA (caindo desmaiada) — Ah!...

FIM DO SEGUNDO ATO

ATO III

Uma sala bem mobiliada. Portas laterais, e ao fundo janelas que deixam vêr umas alegres campinas. Está amanehecendo.

CENA I

CATARINA e logo depois ANGELINA

CATARINA — Que desordem, que desarmonia vai em toda esta gente! Ninguém sabe o que deve fazer, nem onde estar, todos os lugares são incomodos, tudo é horror!... Enfim, eu mesmo queria fugir, fugir, para muito longe desta casa! (**vendo entrar Angelina espavorida pela direita**) Coitada! há umas poucas de horas que vive nesta atribulação! e não há meio de recuperar o seu juizo! Está louca, perdida, por vêr que assassinaram o seu amante! Oh! quanto eu sinto o sofrimento desta pobre menina!

ANGELINA (olhando horrorizada por várias vezes para a porta por onde entrou, como que tentando esconder-se) — Ali... Ali... estão os assassinos... ali os assassinos!...

CATARINA — Oh! por quem é, socegue, tranquili-se-se!

ANGELINA (tentando esconder-se, agarrando-se a Catarina) — Eu tenho medo... eu tenho medo...

CATARINA — Não se aflija tanto! Faça um esforço; é preciso recuperar as suas idéias!...

ANGELINA — Eu não estou louca, Catarina! Eu apenas tenho medo de tudo... de todos... porque até meu pai... meu pai é um assassino!... (**debulhada em pranto**) Assassinou o meu Alvaro!

CATARINA (**áparte**) — Oh! o quanto ela sofre! Nem sei como animá-la! Isto é um suplicio!... (**alto sentando-a**) Tenha paciência! Assente-se e acalma-se porque não são os seus sofrimentos que lhe restituem a vida!...

ANGELINA — Ah! bem o sei!... Mas, Alvaro! o meu Alvaro!... eu queria estar sempre com ele, Catarina!

CATARINA (**áparte**) — Oh! eu não posso vêr sofrer tanto! (**alto, para fóra**) Ah! canalhas!... assim fazeis padecer tão santa criatura!...

ANGELINA — Muito me custa respirar, Catarina!

CATARINA — Socegue. Não se amofine que agrava mais a sua molestia.

ANGELINA — É esse o meu desejo! Eu quero piorar... quero morrer!... Não posso suportar tanta aflição (anciada) Oh! quanto eu soffro!...

CATARINA (dando-lhe o remedio) — Isso passará. Tome este calmante.

ANGELINA — Não quero remedios para me acalmar os sofrimentos... quero remedios para me matar mais depressa... estou anciada... quero ar... ar é que eu preciso... deem-me ar!

CATARINA (levando-a pelo braço para a janela) — Pois vamos... vamos para a janela...

ANGELINA — Ah! sinto-me aliviada, respiro com mais facilidade este ar puro e suave. Pena é que seja por tão pouco tempo. Não posso mais gozar esta aragem fresca e agradável... Ah! quanto seria belo se eu com o meu Alvaro, o meu querido Alvaro, vivessemos como travessas criancinhas brincando por esses vales além... Oh!... a vida para nós seria um paraizo... Adeus... adeus flores que com tanto zelo cuidei... nunca mais vos tornarei a ver!... Adeus verdejantes campinas que tantas vezes me servistes de berço quando me considerava feliz porque era menina e inocente... adeus perfumada brisa que agora me bafejas as faces... adeus paisagens... gigantescas montanhas... nunca apreciarei tanta poesia de que sois dotadas... adeus... adeus... vou morrer!... Sim!... morrer!... oh! quanto é bom... (reclina-se no parapeito da janela)

CATARINA (que tem estado a chorar) — Perdão, minha menina; convem sair da janela, este vento faz-lhe mal.

ANGELINA — Vamos. Leva-me até ao meu quarto, porque efetivamente sinto-me enfraquecer... não posso estar aqui... acho esta sala fria. (sai pela direita baixa).

CENA II

HENRIQUE e PADRE JOSE'

HENRIQUE (entrando pela esquerda baixa) — Que aborrecimento! Estou incomodado... não acho um lugar aprazível.. não posso dormir... Enfim, isto passará.

PADRE JOSE' (entrando pelo fundo) — Bom dia, Henrique.

HENRIQUE (depois de olhar com desprezo) — Já tão cedo, Padre José. (á parte) Este maldito vem atrapalhar-me!...

PADRE JOSE' — É verdade, meu Henrique, venho verte!... Como passaste a noite?... dormiste melhor?

HENRIQUE — Se dormi melhor... nada absolutamente!
PADRE JOSE' — Sem dúvida andaste toda a noite ao sereno, hein, isto é o mais certo.

HENRIQUE — E' verdade; advinhaste.

PADRE JOSE' — Modera-te, amigo Henrique, modera-te, olha que para a tua idade isso é feio, e mesmo... pôde-se levar uma chumbada...

HENRIQUE — É justamente o que me sucedeu esta noite.

PADRE JOSE' — Estás brincando, Henrique!

HENRIQUE — Crê!... Falo sério.

PADRE JOSE' — Pois que?!... Levaste um tiro?!...

HENRIQUE — Não... deio-o!

PADRE JOSE' — Hein?... Dêste um tiro?!...

HENRIQUE — Justamente.

PADRE JOSE' — Mas em quem, explica-te!

HENRIQUE — Ora, em quem?... Naquele patife de quem te falei há dias.

PADRE JOSE' — Qual?

HENRIQUE — Aquele pintor que queria casar-se com minha filha.

PADRE JOSE' — Que dizes, Henrique!... E feristê-lo?!...

HENRIQUE — Sim! (rindo) Ah! ah!... mateio-o!

PADRE JOSE' — Matastê-lo?!... Tu mataste um homem! o noivo de tua filha?!...

HENRIQUE — E a prova, te-la-ás; dentro em pouco vais vê-lo viajar num saco pelo Paraíba.

PADRE JOSE' — Mas isso é um crime abominável!...

HENRIQUE — Oh!... que é isto?!... O amigo Padre não parece o mesmo. Já não é o padre viciado doutroora. Se estivesse embriagado, certamente não falaria assim.

PADRE JOSE' — Sr. Henrique! Eu apesar de Padre, estou tão sujeito aos vícios como qualquer outro homem! Confesso que tenho defeitos graves! Vícios convenho, mas ainda assim os meus vícios não me impeliram a assassinar ninguém, sr. Henri que! Isso é um crime, e um crime nefando; eu serei tudo, menos um assassino!

HENRIQUE — Pelo que vejo, o reverendo, veio hoje disposto a pregar-me sermões. Pois eu declaro-lhe francamente que não me acho com a paciência para aturá-lo! Portanto, convem que se retire!

PADRE JOSE' — Eu não estou prégando sermões! Apenas manifesto a minha indignação por vêr como há homens que praticam barbarismos desta ordem!... Diga-me: — qual foi o crime em que incorreu esse infeliz moço, para que lhe desse semelhante fim?!...

HENRIQUE — Não foi crime, mas foi um erro que não

podia ser corrigido de outro modo!

PADRE JOSE' — Esta opinião só é propria dos homens estupidos, e soberbos opulentos como o senhor!

HENRIQUE — Senhor reverendo, veja que me ofende!

PADRE JOSE' — Não: digo-lhe verdades! O erro, não se corrige com o assassinio, pois que se assim fosse, não existia uma só criatura! Demais; Alvaro apenas amou, e amou muito uma mulher! Não há crime nem erro nisto, senhor! É um ato natural, que a sociedade aprova, e a humanidade precisa! Adeus!... Retiro-me para não servir de testemunha no seu processo; a justiça não tardará a vir aqui tomar-lhe severas contas! Adeus... **(Sai pelo fundo)**.

CENA III

HENRIQUE e depois ANGELINA

HENRIQUE — Oh! que disse ele!... Prenderem-me!... Engana-se! Eu tenho dois mil contos de réis!... mil será o bastante para que a justiça não desvende os olhos!... **(Ia sair pela direita mas recua assustado ao vê entrar Angelina pelo mesmo lado)**.

ANGELINA **(estremecendo ao vê-lo e dizendo áparte)** — Vamos... coragem para a luta.

HENRIQUE **(áparte)** — Tenho medo... **(alto, tomando coragem)** Então, Angelina, qual dos três canta vitoria!... Eu, tu, ou aquele que há pouco caiu morto daquela sacada!?

ANGELINA **(falando muito compassadamente)** — Ele, em primeiro lugar, e eu em segundo. Ele, porque está isento de qualquer sofrimento, e eu, porque em vez de sofrer barbaramente um ou dois meses, sofrerei apenas alguns momentos.

HENRIQUE — Ah! então tu és das que dizem: a felicidade da criatura está no repouso eterno?!... Pois eu penso de modo contrario, Angelina, a felicidade da criatura é para quem vive!

ANGELINA — É certo, mas não para os infelizes como o senhor!

HENRIQUE — Eu infeliz?...

ANGELINA — E muito! Pensa talvez meu pai, que dora avante terá prazer em viver?... não! porque tem remorsos, e o homem que tem remorsos enlouquece ou deseja a morte!

HENRIQUE — Angelina! Proibo-te que continues!...

ANGELINA — Não! Agora meu pai ha-de ouvir-me porque o exijo!... Preciso fazer-lhe uma ligeira descrição de um quadro real da vida!... Ouça: Meu pai é assassino! portanto, precisa lembrar-se, que para o futuro será perseguido por um horroroso fantasma — o remorso!

HENRIQUE (áparte) — Oh!...

ANGELINA — A justiça que já vejo marchar com direção a esta casa...

HENRIQUE (áparte) — Oh!...

ANGELINA (continuando) — Não foi feita para castigar os erros dos animais, foi para castigar os erros da humanidade!...

HENRIQUE (áparte) — Oh!... a justiça...

ANGELINA — Diviso já uma horrorosa prisão...

HENRIQUE (interrompendo-a) — Cala-te Angelina!

ANGELINA — É o remorso que começa! Já vê pois, meu pai, que não canta vitória como julgava!

HENRIQUE (deitando as mãos ao pescoço de Angelina como querendo asfixiá-la) — Cala-te, Angelina, senão mato-te!...

ANGELINA — Mate-me também, que é um favor que me faz! Mate-me! Cometa mais esse crime! porque então uma condenação infamante, fará levantar na praça pública a força que ainda uma vez funcionará reclamada pela furia do povo!...

HENRIQUE (recuando espavorido) — Oh! que horror!... que horror!... (a Angelina) Angelina!... por quem és!... pela memória de tua mãe, não continues!... Compadece-te de mim!... de teu pai! Cometi um crime!... eu o confesso, mas ninguém se arrepende senão depois do erro praticado!

ANGELINA — Ah! Ainda que eu queira continuar... não posso... Sinto... que qualquer cousa me neutralisa... sinto que são os ultimos alentos da vida... (cai desfalecida num canapé.)

HENRIQUE (depois de tomar-lhe o pulso) — Que é isto?!... Angelina!...

ANGELINA (tosse até o fim amiudadas vezes) — É a minha felicidade... que chega... é a morte, meu pai!

HENRIQUE — A morte!... Oh! que eu enlouqueço! eu enlouqueço!... Se Alvaro vivesse ainda!... quem mo dera vivo!... (pausa) Vivo... ah! ah!... e ela morta também... (pausa) Que horror!... que negras visões!... Oh! minha cabeça... eu enlouqueço! sim! enlouqueço!... Acudam-me! acudam-me!... (cai numa cadeira).

ANGELINA (com pausa depois de longo silencio) — Meu pae... meu pae...

HENRIQUE (levantando-se e acudindo ao chamado de Angelina) — Angelina, minha filha!... Dize-me depressa o que desejas!...

ANGELINA — Meu pae... sinto-me muito mal! Sei que morro... por isso... queria pedir-lhe um unico favor...

HENRIQUE — Diz, querida filha, diz o que queres, tudo te farei! Primeiro o medico, sim?... eu mando chama-lo já!...

ANGELINA — Não senhor... não quero' ninguém... man-

de-me apenas... chamar o senhor Padre José, para lhes dizer o ultimo adeus!

HENRIQUE (toca uma campainha e Anastacio aparece).

CENA IV

Os mesmos e ANASTACIO

HENRIQUE — Anastacio. Depressa. Manda chamar o senhor Padre José que ainda deve ir pouco distante d'aqui. Digam-lhe que a menina Angelina está prestes a morrer e quer dizer-lhe o ultimo adeus. Corre!

ANASTACIO — Sim, meu senhor. (sae pelo fundo)

CENA V

Os mesmos, mehos ANASTACIO

HENRIQUE (consultando o relógio) — Oh! Felizmente o medico tambem deve estar a chegar! Angelina, minha filha, já mandei chamar o Padre José!

ANGELINA — Porém... não era só este o meu pedido...

HENRIQUE — Pois diz, Angelina, diz o que mais queres!

ANGELINA — Eu já não posso andar... não tenho forças... Portanto, queria vêr o cadaver de Alvaro... pedia-lhe o favor de mandá-lo trazer aqui!

HENRIQUE (horrorizado) — Aqui, o cadaver de Alvaro!...

ANGELINA — Por quem é!...

HENRIQUE (como acima) — Oh! nunca!... nunca...

ANGELINA — Meu pai, suplico-lhe!

HENRIQUE — Angelina!... filha de meu coração! não exijas de mim semelhante sacrificio!

ANGELINA — Oh! eu quero morrer bem conchegada ao seu cadaver!

HENRIQUE — Que horror!

ANGELINA — Meu pai... faça-me esta ultima vontade...

CENA VI

Os mesmos e ANASTACIO

ANASTACIO (entrando pelo fundo) — Meu senhor, o senhor Padre José, já vem. Volta a toda pressa.

HENRIQUE (a Anastacio) — Bem. Anastacio... traz... para aqui o cadaver de Alvaro!

ANASTACIO — Oh! meu senhor! mas isto vai fazer muito mal à sinházinha!

HENRIQUE — Mas é ela que o pode, vae busca-lo!

ANASTACIO (a Angelina suplicando) — Minha querida si-

nhásinha, o cadaver do senhor Alvaro vai-lhe meter medo! Vendendo-o, causa horror!

ANGELINA — Não importa, bom Anastocio, vai busca-lo. E' este o último favor que me fazes!

ANASTACIO — Pois sim, sinhásinha! (saindo) Oh! quem sabe o que irá suceder... (sae pelo fundo).

CENA VII

Os mesmos, menos **ANASTACIO**

ANGELINA (debatendo-se nas ancias da morte) — Oh! ainda bem!

HENRIQUE — Tenho medo!... muito medo!... (senta-se desalentadamente em uma cadeira distante de Angelina).

ANGELINA (depois de tossir demasiadamente, fica recostada no canapé, cançadíssima) — Prometi morrer ao seu lado... e morrerei... morrerei abraçada ao seu cadaver... Como será belo morrer assim... (prolongado silencio).

CENA VIII

Os mesmos, **ALVARO** e **ANASTACIO**

ANASTACIO (entrando pelo fundo) — Está aí o sr. Alvaro! **ALVARO** (entrando e dirigindo-se a Angelina) — Angelina! querida Angelina!...

HENRIQUE e **ANGELINA** (levantando-se espavoridos) — Alvaro?!...

ALVARO (a Angelina abraçando-a) — Eu mesmo, Angelina!

ANGELINA — Tu, vivo?

ALVARO — É verdade (indicando Anastacio) Mas, se não fosse o nosso amigo Anastacio, não terias certamente o teu Alvaro vivo; terias com efeito o seu cadaver!

ANASTACIO (a Henrique) — Perdoe-me, meu senhor, perdoe-me!...

HENRIQUE (a Alvaro) — Oh! sr. Alvaro, como o salvou ele?

ALVARO — Eu lhes digo. Quando eu decia pela sacada, o senhor ordenou aos seus escravos que fizessem fogo sobre mim. N'esse momento Anastacio, que tinha abandonado o seu posto para me esperar, disparou a sua arma para o ar, soltando ao mesmo tempo, um grito de dôr. Ouvindo isto, o senhor e seus escravos não atiraram por me julgarem morto.

HENRIQUE (abraçando Anastacio) — Oh! Anastacio, quanto és bom!... quanto és bom!...

ANASTACIO — Oh! meu senhor!

ANGELINA (caindo na cadeira como morta) — Ah! não creio em tanta felicidade!... (Ruge em surdina na orquestra o trecho executado na flauta na cena IV do ato II, até ao fim).

ALVARO (tomando-lhe o pulso) — Que!... Angelina morta!...

CENA IX

Os mesmos, e **CATARINA** que entra pela esquerda alta e vai para junto de Angelina.

HENRIQUE — Morta!... Minha filha...

ALVARO — Ah! antes me tivessem matado!... antes me tivessem matado!... (chora)

ANGELINA — Meu pai... peço-lhe que proteja... Alvaro e Catharina... É a minha última vontade, que seja restituída a liberdade ao bom Anastácio...

HENRIQUE — Sim, querida filha!... tem razão!... Estes agora serão os meus filhos!... os meus únicos filhos!... (Abraça Alvaro e Anastácio).

ANGELINA — Quanto à sua... desditosa filha... essa... essa está morta!...

HENRIQUE — Morta!... Tu morta!... Ah! não tenho que admirar-me!... Fui eu!... eu que a matei-a!... Oh! tenho odio!... odio de mim, do mundo, e odio teria de meus pais se vivos fossem, porque não souberam educar-me!...

ANGELINA (morrendo) — Alvaro... morro... com o coração despedaçado... por não ser alguns momentos... tua esposa! Adeus... adeus... sê feliz!... (morre a surdina some-se placidamente)

ALVARO (tomando-lhe o pulso) — Angelina!... Angelina!... Oh! morta!... morta!... (comprimindo o peito) Eu morro também!... Este coração não suporta tanto!... Angelina! Querida Angelina! eu queria morrer!... Oh! morrer contigo! (chora sobre o regaço de Angelina. Padre José tem entrado gravemente pelo fundo).

HENRIQUE — Ah! malditos sejam os títulos e as riquezas, porque foram eles!... eles os únicos causadores de eu não fazer minha filha feliz, casando-a com um artista — pobre mas honrado!... Ah! minha pobre filha!... minha pobre filha!... (cai numa cadeira chorando)

CATARINA — Infeliz menina!... (chora)

PADRE JOSÉ — Eis aqui um tristíssimo quadro!... É esta a fatal consequencia dos preconceitos, e da educação do século XIX! Que a humanidade saiba aproveitar-se deste exemplo!...

FIM DO TERCEIRO E ÚLTIMO ATO

NOVIDADES TEATRAIS

O PRIMEIRO MARIDO DA FRANÇA —Comedia em 3 actos de E. Valabregue, trad. de Gervasio Lobato, 5 h. e 5 s.	4\$000
ANASTACIO — Peça em 3 actos, de Joracy Camargo (grande successo de Procopio Ferreira, 13 h. e 4 s.	7\$000
O MARTYR DO CALVARIO — Drama em 5 actos e 16 quadros, por Eduardo Garrido	10\$000
AS ALEGRIAS DO LAR — Comedia em 3 actos, de grande successo, 5 h. e 3 s.	6\$000
GASPAR CACÊTE — Comedia em 3 actos de E. Garrido. Grande successo de gargalhadas, 4 h. e 3 s.	4\$000
FERRO EM BRAZA - Drama em 3 actos de Antonio Sampalo, levado á scena com grande exito em todos os theatros e circos, 10 h. e 6 s.	5\$000
BALDUINO — Comedia em 3 actos, por Armando Gonzaga, 5 h. e 3 s.	4\$000
QUE TRAPALHADA! Comedia em 3 actos, de A. Abranches, fabrica de gargalhadas, 4 h. e 3 s.	4\$000
O SECRETARIO DE S. EX.ª - Comedia em 3 actos, por Armando Gonzaga, 9 h. e 5 s.	4\$000
A CABANA DE PAE THOMAZ — Drama em 7 quadros, imitação, por J. Vieira Pontes. Representado com grande successo em todos os theatros e circos, 14 h. e 4 s.	5\$000
ERRO DE UM PAE - Drama em 3 actos, 5 h. 1 s.	4\$000
SALIM SAID CIMA - Comedia em 3 actos, por Ferreira Simões, 8 h. e 2 s.	4\$000
MINISTRO DO SUPREMO - Comedia em 3 actos por Armando Gonzaga, 7 h. 5 s.	4\$000
QUE SOGRA! - Comedia em 3 actos, 3 h. e 2 s.	4\$000
O MALUCO N.º 4 - Comedia em 3 actos por Armando Gonzaga, 5 h. e 3 s.	4\$000
PIPERLIN, corretor de casamentos - Comedia em 3 actos, de Eduardo Garrido, 5 h. e 6 s.	4\$000
ROSAS DE NOSSA SENHORA - Drama em 2 actos, por Celestino Silva, 6 h. e 3 s.	3\$000
O SETIMO CEU - Drama em 3 actos, de Alves Moreira, 3 h. e 3 s.	4\$000
A FLOR DOS MARIDOS - Comedia em 3 actos, por Armando Gonzaga, 7 h. e 7 s.	4\$000
GRAÇAS A DEUS! - Comedia em 3 actos, de Armando Gonzaga, 5 h. e 6 s.	3\$000
A MULATA E' DE CIRCO! — Comedia em 3 actos de Ferreira Simões, 8 h. e 3 s.	3\$000
O GAIATO DE LISBÔA - Comedia-drama em 2 actos de Aristides Abranches, 6 h. e 2 s.	3\$000
MARIA CACHUCHA —Comedia em quadros, de J. Camargo, successo de Procopio Ferreira, 2 h. e 4 s.	6\$000
CEGO DE AMOR — Drama em 3 actos, de Carlos Caváco. Grande successo, 3 h. e 2 s.	4\$000

LIRA TEATRAL

A mais completa e mais bonita collecção de monologos, cançonetas, scenas comicas, poesias e comedias, que até hoje se têm publicado, cuidadosamente organizada por

J. VIEIRA PONTES

Livro indispensavel a todos os actores, amadores e casas de familia. Para intermedio das recitas particulares de sociedades dramaticas, ou para maior brilho dos saráus familiares, encontrará o leitor na *Lira Teatral* o que de mais delicado tem apparecido em poesias dramaticas e o que de mais chistoso nos tem dado, em monologos e cançonetas, escritores de reconhecido merito.

EIS O INDICE: — O Senhorio Lusitano - Um noivo em cécegas - A morta galante - O angú do Barão - Rindo - Por de cima... por de baixo... - A cabra, o carneiro e o cevado - O melro - Do mesmo lado - A lagrima - A lenda das rosas vermelhas - Amanhã vou pedi-la... - Dona Hortência - A mosca - O trio dos larapios da "Gran-Via" - A Judia! (dialogo) - O suicida - Um alho! - Dentada de sogra! - Soirée familiar - A pulga - Morreu a minha sogra - Tres soldados - Rataplan - Para os pobres - Aos heróes de 1640 - Se eu fosse rapaz - Nas recepções da embaixada - Ul-la-lá - Os camarões - Quando a desgraça penetra... - O lenço de minha tia - O estudante alsaciano - O grande Elias - A minha sogra - O chão - A confissão - O ponto - O socio - Capenga não fórma - Um monologo... - Só no mundo - O pão fresco - Monologo cinematografico - Sesion clerical - O Fiel - Sempre a andar - Trapalhada lyrica... - Nos annos da mamã - O' Chico - Vou recitar - Uma aria para tenor - O vagabundo - Posso ser padre? - O dinheiro - Nem ella nem eu - Sem novidade - Sol-la-si-dó - O meu casamento - O dorminhoco - A pele de urso - A fome no Ceará - O pintasilgo - A caridade e a justiça - Um sonho - O album - Digo?... - Ele e ella - Prologo - Eu e tu - Dança do vento - A tragedia - Trapalhada do Melro e o Fiel - As Tres Lagrimas - O buraco do Casamento. — Além de tudo isto contém ainda a lindissima comedia em um ato, do distincto escriptor Julio de Menezes, intitulada: *Carta a Santo Antonio*, representada milhares de vezes com grande successo.

A nova edição da *Lira Teatral* vem agora muito enriquecida com novos monologos de grande successo e um pequeno tratado sobre **CARACTERISAÇÃO E PINTURA DO ROSTO** que muito vem auxiliar os actores e amadores que encontrarão um metodo seguro de se caracterizarem a si mesmo. A esta nova edição adicionamos tambem a "*Lei Getulio Vargas*" que regula as obrigações e direitos entre empregarios e trabalhadores de teatro, ficando assim a *Lira Teatral* um livro indispensavel a actores e amadores. 1 vol. de mais de 300 paginas, 10\$000. Pelo correlo 11\$000.

LIVRARIA TEIXEIRA

R. Líbero Badaró, 491

SÃO PAULO

LIVRARIA TEIXEIRA

Izidoro (O), 2 h. e 1 s.	4\$000	Herença (A) de um marinheiro, 4 h. e 1 s.	4\$000
Leão (O) branco, 4 h. e 2 s.	4\$000	Honra do operário, 6 h. e 1 s.	4\$000
Mocós e velhos, 4 h. e 2 s.	4\$000	Honra (A) ultrajada, 3 h. e 1 s.	4\$000
Mudança á meia-noite, 4 h., 1 s.	4\$000	Ingrato (O), 3 h. e 1 s.	4\$000
Mulata (A) é de Circo 8 h. e 3 s.	4\$000	Leonardo, o pescador, 6 h. 1 s.	4\$000
Não dá passarinho, 10 h. e 7 s.	4\$000	Lóbo (O) do mar, 4 h. e 1 s.	4\$000
Piperlin, corrector de casamentos, 6 h. e 5 s.	4\$000	Lulz, ou a cruz do juramento, 6 h. e 1 s.	4\$000
Primeiro (O) Marido da França, 5 h. e 5 s.	4\$000	Jequitibá, 7 h. e 3 s.	4\$000
Que trapalhada! 4 h. e 3 s.	4\$000	João, o corta-marl 6 h. e 1 s.	4\$000
Que Sogral 3 h. e 2 s.	4\$000	Morte civil, 6 h. e 2 s.	4\$000
Sallim Said Cima, 8 h. e 2 s.	4\$000	Nedoads (As) de sangue, 7 h. 1 s.	4\$000
Simpatico (O) Jeremias, 8 h. e 3 s.	4\$000	Operários em greve, 8 h. só	4\$000
Saudade, 4 h. e 3 s.	4\$000	Pena (A) de morte, 6 h. e 1 s.	4\$000
Sobrinhos do papá, 4 h. e 1 s.	4\$000	Provas (As) do crime, 5 h. e 1 s.	4\$000
Tio (O) padre, 4 h. 1 s.	4\$000	Scenas da miséria, 7 h. e 1 s.	4\$000
Typos da actualidade, 3 h. e 3 s.	4\$000	Segredo (O) do pescador, 5 h. 1 s.	4\$000
Um amigo dos diabos! 4 h. 1 s.	4\$000	Setimo Céc, 13 h. e 3 s.	4\$000
DRAMAS EM 1 ACTO		Sonhos de louca, 7 h. e 1 s.	4\$000
Escravo (O) 3 h. e 1 s.	2\$000	Tocadora (A) de harpa, 7 h. 2 s.	4\$000
Garra (A) 4 h. e 1 s.	2\$000	Um erro judiciario, (O Louco da aldeia) 8 h. e 1 s.	4\$000
Ladrão de casa, 5 h.	2\$000	Valeria, a céga, 3 h. e 2 s.	4\$000
Maldição paterna, 7 h.	2\$000	Veterano da liberdade, 3 h. e 1 s.	4\$000
Mentira (A), 4 h. e 1 s.	2\$000	20.000 dollars, 13 h. e 2 s.	4\$000
Uma anedota, 3 h.	2\$000	DRAMAS EM 4 ACTOS	
Ultimo (O) adeus, 4 h. e 1 s.	2\$000	Cruz (A) do cedro, 10 h. e 1 s.	5\$000
Um dia de festa, 2 h. e 5 s.	2\$000	Filha (A) do Saltimbanco, 6 h. e 2 s.	5\$000
Vagabundo (O), 2 h. e 1 s.	2\$000	Gaspar, o serralleiro, 9 h. e 1 s.	5\$000
DRAMAS EM 2 ACTOS		Genio (O) galé, 8 h. e 1 s.	5\$000
Amor e honra, 4 h. e 2 s.	3\$000	Jocelyn, o pescador de baleias, 4 h. e 1 s.	5\$000
Culpa e perdão, 3 h. e 3 s.	3\$000	Ladrões da honra, 7 h. e 1 s.	5\$000
Dívida de honra, 4 h. e 1 s.	3\$000	Magda, 6 h. e 7 s.	5\$000
Galato (O) de Lisboa, 6 h. e 2 s.	3\$000	Mais forte que o amor, 10 h. 2 s.	5\$000
Rosas de Nossa Senhora, 6 h. e 3 s.	3\$000	Orphá (A) de Goyaz, 6 h. e 2 s.	5\$000
DRAMAS EM 3 ACTOS		Poder (O) do ouro, 12 h. e s.	5\$000
Advogado (O) da honra, 8 h. 1 s.	4\$000	Silencio heroico, 9 h. s.	5\$000
Amor louco, 5 h. e 1 s.	4\$000	Sylvio, o cigano, 7 h. e 1 s.	5\$000
Arnaldo, 10 h. e 1 s.	4\$000	Vampiros sociaes, 7 h. e 1 s.	5\$000
Arthur, o jogador, 10 h.	4\$000	DRAMAS EM 5 ACTOS	
Caboclos, 4 h. e 4 s.	4\$000	Cabana (a) de Pae Thomaz 14 h. e 4 s.	5\$000
Jogo de amor, 3 h. e 2 s.	4\$000	Conde (O) de S. Germano, 16 h. e 2 s.	5\$000
Diana de Rione, 7 h. e 2 s.	4\$000	Dalija, 9 h. e 5 s.	5\$000
Dois (Os) sargentos, 10 h. e 2 s.	4\$000	Escrava (A) Andréa, 4 h. e 1 s.	5\$000
Erro de um pae, 5 h. e 1 s.	4\$000	Filha (A) do mar, 16 h. e 3 s.	5\$000
Esposa e mãe, 5 h. e 1 s.	4\$000	Filho (O) do Montanhez, 5 h. 2 s.	5\$000
Espectro do passado, 7 h. e 1 s.	4\$000	Martyr (O) do Calvario, 22 h. e 6 s.	10\$000
Expedicionario (O), 6 h. e 1 s.	4\$000	Modelo (O) vivo, 10 h. e 1 s.	5\$000
Falsos (Os) amigos, 5 h. e 1 s.	4\$000	Remorso (O) vivo, 15 h. e 2 s.	5\$000
Ferro em braza, 10 h. e 3 s.	5\$000	MONOLOGOS E POESIAS DRAMATICAS	
Filha (A) do estalajadeiro, 6 h. e 1 s.	4\$000	A Lagrima	1\$000
Filha (A) do marinheiro, 3 h. e 1 s.	4\$000	A Morta Galante	1\$000
Filho (O) natural, 5 h. e 1 s.	4\$000	As distracções	1\$000
Filho (O) Prodigio, 8 h. s.	4\$000	Tragedia infantil	1\$000
Filhos (Os) da canalha, 5 h. 2 s.	4\$000	O Meiro	1\$000
Fogo do Céu (Relampago), 3 h. e 2 s.	4\$000	A Judicial (dialogo)	
Gabriel e Lushel (Os Milagres de Sto. Antonio), 17 h. e 7 s.	4\$000		

TEATRO RADIOFONICO

Coleção de SKETCHS próprios para Estações de Rádio, Atores e Amadores Dramaticos, todos de grande successo e agrado certo.

Piedosa Mentira — 2 h. e 1 s.	1\$000
Entre ás dez e as onze — 1 h. e 2 s.	1\$000
Os Sapatos de Natal — 2 h. e 1 s.	1\$000
Querida Amiga — 1 h. e 2 s.	1\$000
O Colar de Perolas — 1 h. e 1 s.	1\$000
Injustiça da Lei — 1 h. e 1 s.	1\$000
A ultima do Polidóro — 1 h. e 1 s.	1\$000
Viagem Perigosa — 2 h. e 1 s.	1\$000
Os Porteiros — 2 h. e 1 s.	1\$000
Assombração — 2 h. e 1 s.	1\$000
Como se pesca um noivo — 1 h. e 1 s.	1\$000
A Inspiração — 2 h. e 1 s.	1\$000
A Velha Usuraria — 2 h. e 1 s.	1\$000
A Vassoura Electrica — 1 h. e 1 s.	1\$000
O amor e o chá — 1 h. e 1 s.	1\$000
Recordação — 1 h. e 1 s.	1\$000
O Professor de violino — 2 h. e 1 s.	1\$000
Ela e o chofér — 3 h. e 1 s.	1\$000
Viuvos do seculo XX — 2 h. e 1 s.	1\$000
Dentista patife... mas de sorte — 3 h. e 2 s.	1\$000
A Promessa — 3 h. e 1 s.	1\$000
A Chave — 3 h. e 1 s.	1\$000
Meu grande amor! — 3 h. e 1 s.	1\$000
A Tragedia! — 3 h. e 1 s.	1\$000
Camareiro Cuidadoso — 3 h. e 1 s.	1\$000
O "Palpite" do Manoel — 3 h. e 1 s.	1\$000

Teatro de Oduvaldo Vianna — Contendo as seguintes peças: O homem que nasceu duas vezes — Feitiço — A casa de Tio Pedro — A vida é um sonho — O vendedor de ilusões — Terra Natal. 1 grosso vol. de mais de 500 pags.		15\$000
Teatro de Silvino Lopes — 1 vol. contendo duas peças deste festejado autor: A Ladra, 3 actos, 3 h. e 2 s. e Esfinge, 3 actos, 4 h. e 4 s., representadas com grande successo em todos os teatros do Brasil. Preço do volume		12\$000
Teatras por Jorgino — Illustrações de J. Brito. Teatras é um livro cheio de bom humor, graça e alegria. 1 volume illustrado com capa artistica		5\$000
LIRA TEATRAL — Coleção de monologos, cançonetas, poesias, cenas comicas, etc., por J. Vieira Pontes. Nova edição melhorada. 1 vol.		10\$000
Retalhos Teatraes — Monologos e conferencias calpiras, por João Garrucha, 1 vol. br.		3\$000
Teatro de Paulo de Magalhães — Um grosso volume contendo as seguintes peças: Aventuras d'um rapaz feio — O Interventor — Saudade—O Bandeirante—Mais forte que o amor — O coração não envelhece. Preço do vol.		15\$000

REPE PARA BARBAS — de varias cores ao preço de metro..... 10\$000
ATTON — para caracterisação. Caixa de 8 cores sortidas..... 12\$000